



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Sangue Oculto / nº 89 da Coleção Bang*

AUTORIA: *Charlaine Harris*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2010 Edições Saída de Emergência

Título original Dead to the World © 2004 Charlaine Harris Schulz. Publicado originalmente nos Estados Unidos por Penguin Group, 2005

TRADUÇÃO: *Renato Carreira*

REVISÃO: *João Ferreira*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Tipografia Guerra - Viseu*

1ª EDIÇÃO: *Janeiro, 2010*

ISBN: *978-989-637-179-1*

DEPÓSITO LEGAL: *302448/09*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



SANGUE OCULTO

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto


Apesar de ser provável que nunca o leiam, este livro é dedicado a todos os treinadores (de basebol, futebol americano, voleibol e futebol) que trabalharam ao longo de tantos anos, muitas vezes sem qualquer compensação monetária, para motivar o desempenho atlético dos meus filhos e para lhes instilar uma compreensão do jogo. Deus vos abençoe a todos e recebam a gratidão de uma das mães que enche as bancadas, à chuva e ao frio, atormentada pelo calor e pelos mosquitos.

No entanto, esta mãe questiona-se sempre sobre quem mais assistirá aos jogos nocturnos.

Agradecimentos

Agradeço aos praticantes de Wicca que responderam ao meu pedido de esclarecimento com mais informações do que as que consegui usar: Maria Lima, Sandilee Lloyd, Holly Nelson, Jean Hontz e M.R. «Murv» Sellars. Devo agradecimentos ainda a outros especialistas em diferentes campos: Kevin Ryer, que sabe mais sobre porcos selvagens do que a maioria das pessoas sabe sobre os seus animais de estimação; o Dr. D. P. Lyle, tão gracioso nas respostas a questões médicas; e, claro, Doris Ann Norris, bibliotecária de referência das estrelas.

Se tiver cometido erros na utilização do conhecimento partilhado por estas pessoas generosas, darei o meu melhor para, de alguma forma, as culpar por isso.



Encontrei a mensagem colada com adesivo à minha porta quando cheguei a casa do trabalho. Tivera o turno do almoço ao fim da tarde no *Merlotte's*, mas, porque estávamos no fim de Dezembro, anoitecia cedo. Isso significava que Bill, o meu ex-namorado (falo de Bill Compton ou do Vampiro Bill, como é conhecido pela maioria dos clientes habituais do *Merlotte's*) teria deixado a mensagem na hora anterior à minha chegada. Não pode erguer-se até ao anoitecer.

Não via Bill há mais de uma semana e a nossa separação não fora feliz. Mas tocar o envelope com o meu nome escrito fez-me sentir miserável. Quase se poderia pensar (apesar dos meus vinte e seis anos) que nunca antes tivera e perdera um namorado.

E quem assim pensasse estaria certo.

Os tipos normais não querem envolver-se com alguém tão estranho como eu. As pessoas dizem-me que tenho a cabeça avariada desde o meu primeiro dia de aulas.

E têm razão.

Isso não significa que não seja ocasionalmente apalpada no bar. Os homens embebedam-se. Eu tenho bom aspecto. Esquecem as suas apreensões provocadas pela minha reputação de estranheza e pelo meu sorriso constante.

Mas apenas Bill se aproximou de mim de forma íntima. Separar-me dele magoou-me muito.

Esperei até me sentar à velha e marcada mesa da cozinha para abrir o envelope. Ainda tinha o casaco vestido, mas livrara-me das luvas.

«*Queridíssima Sookie, queria falar contigo quando tiveres recuperado, de alguma forma, dos acontecimentos infelizes do início deste mês.*»

«Acontecimentos infelizes» uma ova. As nódoas negras tinham desaparecido finalmente, mas o joelho ainda me doía quando fazia frio e supunha que assim seria para sempre. Sofrera todos os ferimentos no esforço de resgatar o meu namorado infiel capturado por um grupo de vampiros que incluía a sua antiga paixão, Lorena. Continuava sem perceber porque é que Bill ficara tão enlevado por Lorena a ponto de responder à sua convocatória para se deslocar ao Mississipi.

«*É provável que tenhas muitas perguntas sobre o que aconteceu.*»

E ele que não duvidasse.

«*Se aceites falar comigo cara a cara, vem à porta da frente e deixa-me entrar.*»

Bolas. Não esperava aquilo. Ponderei por um minuto. Decidindo que, mesmo que já não confiasse em Bill, não acreditava que me magoasse fisicamente, atravessei a casa até à porta da frente. Abri-a e disse:

— Está bem. Podes entrar.

Emergiu da floresta que rodeava a clareira em que se situava a minha velha casa. Vê-lo provocou-me dores. Bill tinha ombros largos e era magro, como consequência de uma vida passada a trabalhar a propriedade junto à minha. Os anos como soldado confederado endureceram-no antes da sua morte em 1867. O nariz parecia saído de um vaso grego. O cabelo era castanho-escuro e curto. Os olhos eram igualmente escuros. Não mudara nada desde que nos separáramos. E nunca mudaria.

Hesitou antes de cruzar o limiar da porta, mas dera-lhe autorização e dei um passo ao lado, permitindo-lhe entrar na sala repleta de mobiliário velho, confortável e impecavelmente conservado.

— Obrigado — disse, com a sua voz fria e suave, uma voz que ainda me provocava uma pontada de pura luxúria. Muitas coisas tinham corrido mal entre nós, mas não começaram na cama. — Quis falar contigo antes de partir.

— Onde vais? — Tentei parecer tão calma como ele.

— Ao Peru. Por ordem da rainha.

— Continuas a trabalhar na tua... hmm... base de dados? — Não sabia quase nada sobre computadores, mas Bill estudara afincadamente para adquirir competências informáticas.

— Sim. Preciso de fazer um pouco mais de pesquisa. Um vampiro muito velho de Lima possui grandes conhecimentos sobre a nossa raça no seu continente e marquei um encontro com ele para trocarmos impressões. Também farei um pouco de turismo enquanto lá estiver.

Lutei contra o impulso de oferecer a Bill uma garrafa de sangue sintético, que teria sido a coisa hospitaleira a fazer.

— Senta-te — disse, secamente, indicando o sofá com um aceno de cabeça. Sentei-me no extremo da poltrona colocada junto ao sofá de forma diagonal. Depois, instalou-se o silêncio. Um silêncio que me deixou ainda mais consciente de como estava infeliz.

— Como está o Bubba? — perguntei, por fim.

— Está em Nova Orleães — respondeu Bill. — A rainha gosta de o manter por perto, ocasionalmente. E foi tão visível aqui durante o último mês que pareceu boa ideia levá-lo para outro sítio. Regressará em breve.

Se vissem Bubba, reconhecerê-lo-iam. Todos conhecem a sua cara. Mas não foi «transformado» com muito sucesso. Talvez o funcionário da morgue, que, por acaso, era vampiro, devesse ter ignorado a minúscula centelha de vida. Por ser um grande fã, não consegui resistir à tentação e, agora, toda a comunidade vampírica sulista se alternava a cuidar de Bubba e tentava escondê-lo de vista.

Outro silêncio. Planeara despir a farda e descalçar os sapatos, vestindo um roupão macio e vendo televisão com uma piza *Freschetta* a meu lado. Era um plano humilde, mas era meu. Em vez disso, sofria.

— Se tens alguma coisa a dizer, é melhor fazê-lo — disse-lhe.

Acenou com a cabeça, quase como se o fizesse para si mesmo.

— Preciso de explicar — disse. As suas mãos pálidas pousaram-se no colo. — A Lorena e eu...

Estremeci involuntariamente. Não queria voltar a ouvir aquele nome. Trocara-me por Lorena.

— Preciso de te dizer — continuou, quase furioso. Vira-me estremecer. — Dá-me esta oportunidade. — Após um segundo, acenei-lhe com a mão para que continuasse.

— Fui a Jackson quando me chamou porque não consegui resistir — disse.

Ergui as sobrancelhas. Já ouvira aquilo antes. Significava: «Não tenho qualquer controlo.» Ou: «Pareceu valer a pena na altura e não pensava acima da cintura.»

— Fomos amantes há muito tempo. Como o Eric diz que te con-

tou, as ligações entre vampiros não costumam ser longas, apesar de serem muito intensas enquanto duram. No entanto, o Eric não te contou que a Lorena foi a vampira que me transformou.

— Em servidor do Lado Negro? — perguntei, mordendo o lábio logo a seguir. Não era assunto para gracejos.

— Sim — concordou Bill, mantendo-se sério. — E ficámos juntos depois disso, como amantes, o que nem sempre acontece.

— Mas separaram-se...

— Sim. Há cerca de oitenta anos, chegámos a um ponto em que já não conseguíamos tolerar-nos durante mais tempo. Não via a Lorena desde então, apesar de ouvir relatar o que fazia, claro.

— Claro — repeti, sem expressão.

— Mas tive de obedecer à sua convocatória. É absolutamente imperativo. Quando quem nos transformou chama, temos de responder. — Havia urgência na sua voz.

Acenei afirmativamente, tentando parecer compreensiva. Suponho que não me saí muito bem.

— Ordenou-me que te deixasse — disse. Os seus olhos escuros fixavam-se nos meus. — Disse que te mataria se não o fizesse.

Perdia a paciência. Mordí o interior da boca com muita força para me forçar a concentrar.

— Portanto, sem explicação e sem discutir o assunto comigo, decidiste o que era melhor para ti e para mim.

— Precisei de o fazer — disse. — Precisei de fazer o que ordenou. E sabia que era capaz de te magoar.

— Acertaste em cheio. — Lorena esforçara-se ao máximo para me magoar até à morte. Mas eu matei-a primeiro. Está bem, foi por sorte. Mas funcionou.

— E agora já não me amas — disse Bill, com um muito ligeiro tom interrogativo na voz.

Não tinha uma resposta clara.

— Não sei — disse-lhe. — Não pensei que pudesses querer voltar para mim. Afinal, matei-te a mãe. — Havia um tom interrogativo igualmente ligeiro na minha voz, mas o que mais se ouvia era a amargura.

— Então, precisamos de mais tempo afastados. Quando regressar, se consentires, voltaremos a falar. Um beijo de despedida?

Envergonha-me admitir que adoraria voltar a beijar Bill. Mas era uma ideia tão má que até o simples desejo parecia errado. Ergue-

mo-nos e encostei-lhe brevemente os lábios à face. A sua pele pálida reluzia com o brilho discreto que distinguia os vampiros dos humanos. Surpreendera-me descobrir que nem todos os viam como eu.

— Tens estado com o lobisomem? — perguntou, quase imediatamente após ter saído. Soava como se as palavras lhe tivessem sido arrancadas pela raiz.

— Qual lobisomem? — perguntei, resistindo à tentação de pestanejar. Não merecia uma resposta e sabia-o bem. — Quanto tempo ficarás fora? — perguntei, de forma abrupta, fazendo-o olhar-me com dúvida.

— Não é seguro. Talvez duas semanas — respondeu.

— Poderemos falar quando voltares — disse, voltando a face. — Deixa-me devolver-te a tua chave. — Retirei o molho de chaves da bolsa.

— Não, por favor. Fica com ela — disse. — Poderás precisar dela durante a minha ausência. Entra na casa à vontade. Pedi para me guardarem a correspondência no posto dos correios até os contactar e creio que as outras pontas soltas estão tratadas.

Era eu a última ponta solta. Contive a raiva que me acorria com demasiada frequência naqueles dias.

— Espero que faças boa viagem — disse, friamente, fechando a porta atrás dele. Dirigi-me ao quarto. Tinha um roupão para vestir e televisão para ver. Bolas, havia de cumprir o meu plano.

Mas, enquanto colocava a piza no forno, precisei de secar as bochechas algumas vezes.

A festa de Ano Novo do bar e churrasqueira *Merlotte's* acabou, finalmente. Apesar de o proprietário, Sam Merlotte, ter pedido a todos os funcionários para trabalharem nessa noite, Holly, Arlene e eu fomos as únicas a responder ao pedido. Charlsie Tooten dissera que era demasiado velha para a barafunda que tínhamos de suportar no Ano Novo, Danielle tinha planos há muito para ir a uma festa janota com o seu namorado fixo e uma nova empregada só poderia começar dois dias depois. Suponho que Arlene, Holly e eu precisávamos mais do dinheiro do que de diversão.

E não tinha recebido convites para fazer qualquer outra coisa. Quando trabalho no *Merlotte's*, pelo menos, faço parte do cenário. É quase uma forma de aceitação.

Varria o papel moído no chão e lembrei-me de não comentar com Sam como os sacos de papelinhos coloridos tinham sido má ideia. Todos tínhamos sido claros acerca daquele assunto e até Sam, com a sua natureza afável, começava a revelar sinais de cansaço. Não parecia justo deixar que fosse Terry Bellefleur a limpar tudo, apesar de a limpeza do chão ser função sua.

Sam contava o dinheiro na caixa e guardava-o num saco para poder passar pela caixa de depósitos nocturnos do banco. Parecia cansado, mas satisfeito.

Pegou no telemóvel.

— Kenya? Preparada para me levar ao banco? Está bem. Vemo-nos na porta das traseiras daqui a uns minutos. — Kenya, uma agente policial, escoltava com frequência Sam à caixa de depósitos nocturnos, sobretudo depois de uma noite de grande receita como aquela.

Também me agradou o meu dinheiro. Ganhara muito em gorjetas. E cada *penny* me fazia falta. Ter-me-ia agradado a ideia de contar o dinheiro quando chegasse a casa, se tivesse tido a certeza de me restar capacidade cerebral para o fazer. O barulho e o caos da festa, as corridas constantes entre o bar e as mesas, a portinhola dos pedidos, a tremenda confusão que tivemos de limpar, a cacofonia constante de todos aqueles cérebros... Tudo se unira para me deixar esgotada. Perto do fim, sentira-me demasiado cansada para proteger a mente e muitos pensamentos se tinham infiltrado.

Não é fácil ser telepata. Na maior parte do tempo, também não é divertido.

Naquela noite, fora pior do que o habitual. Não apenas porque os clientes do bar, quase todos meus conhecidos de muitos anos, se encontravam numa disposição desinibida, mas porque havia algumas notícias que muita gente estava morta por me contar.

— Ouvi dizer que o teu namorado foi para a América do Sul — disse Chuck Beecham, um vendedor de automóveis, com a malícia fazendo-lhe brilhar os olhos. — Vais sentir-te muito sozinha em casa sem ele.

— Estás a oferecer-te para o substituir, Chuck? — perguntou o homem a seu lado no balcão e ambos partilharam uma gargalhada de «somos os dois machos».

— Não, Terrell — respondeu o vendedor. — Não gosto de sobras de vampiros.

— Tens maneiras ou vais pela porta fora — disse, sem vacilar. Senti calor nas minhas costas e soube que o meu patrão, Sam Merlotte, os olhava sobre o meu ombro.

— Há sarilho? — perguntou.

— Estavam a preparar-se para pedir desculpa — disse eu, olhando Chuck e Terrell nos olhos. Baixaram o olhar para as cervejas.

— Desculpa, Sookie — murmurou Chuck. Terrell moveu a cabeça em acordo. Acenei afirmativamente e voltei-me para receber outro pedido. Mas tinham conseguido magoar-me.

E fora esse o seu objectivo.

Sentia uma dor à volta do coração.

Tinha a certeza de que a população de Bon Temps, Louisiana, não sabia da nossa separação. Bill não tinha o hábito de falar da sua vida pessoal e eu também não. Arlene e Tara sabiam qualquer coisa sobre o assunto, claro, porque é inevitável contar às melhores amigas quando nos separamos de um namorado, mesmo que seja necessário deixar de fora todos os pormenores interessantes. (Como o facto de ter matado a mulher pela qual nos deixou. Algo que não pude evitar. A sério que não.) Quem me dissesse que Bill saíra do país, presumindo que ainda não o sabia, estaria apenas a ser maldoso.

Até à visita recente de Bill à minha casa, vira-o pela última vez quando lhe entregara os discos e o computador que me pedira para esconder. Peguei no carro e fi-lo perto do anoitecer para a máquina não ficar no seu alpendre durante muito tempo. Coloquei todas as suas coisas numa grande caixa impermeável contra a porta. Saiu quando me afastava, mas não parei.

Uma mulher malévola teria entregado os discos ao patrão de Bill, Eric. Uma mulher mesquinha teria ficado com os discos e com o computador, tendo anulado o convite a Bill (e a Eric) para entrar na casa. Dissera a mim mesma, com orgulho, que não era uma mulher malévola ou mesquinha.

Além disso, pensando de forma prática, Bill poderia ter contratado um humano para me arrombar a casa e levar as suas coisas. Não achei que o fizesse. Mas precisava muito daquilo ou ficaria em sarilhos com a patroa do seu patrão. Tenho um temperamento difícil, talvez até tenha mau feitio quando me provocam. Mas não sou vingativa.

Arlene dizia-me com frequência que sou demasiado boa para o meu próprio bem, mesmo que lhe assegure que não. (Tara nunca o diz. Talvez me conheça melhor?) Percebi, sombriamente, que, algures durante aquela noite caótica, Arlene ouviria alguém contar a partida de Bill. Como não podia deixar de ser, vinte minutos depois da conversa com Chuck e Terrell, atravessou a multidão para me aplicar uma palmadinha nas costas.

— Seja como for, não precisavas daquele sacana frio — disse. — Que fez ele por ti?

Acenei debilmente para lhe mostrar como apreciava as suas palavras de conforto. Depois, uma mesa pediu dois *whiskey sours*, duas cervejas e um gin tónico e precisei de me apressar, sentindo-me grata por isso. Quando entreguei as bebidas, coloquei-me a mesma questão. Que fizera Bill por mim?

Entreguei jarros de cerveja a duas mesas antes de conseguir completar a lista.

Iniciara-me no sexo, o que me agradava bastante. Apresentara-me muitos vampiros, o que não me agradava nada. Salvava-me a vida, mesmo que, pensando no assunto, não tivesse corrido perigo se não namorasse com ele. Mas também o salvava uma ou duas vezes e essa dívida estava saldada. Chamara-me «querida» e, quando o fizera, fora sincero.

— Nada — murmurei, enquanto limpava uma *piña colada* entornada e passava uma das nossas últimas toalhas lavadas à mulher que a entornara e que tinha grande parte do líquido a ensopar-lhe a saia. — Não fez nada por mim. — A mulher sorriu e acenou-me, obviamente pensando que me mostrava solidária com o seu acidente. De qualquer forma, o bar estava demasiado barulhento para ouvir o que fosse e senti-me afortunada por assim ser.

Mas ficaria feliz quando Bill regressasse. Afinal, era o meu vizinho mais próximo. O velho cemitério comunitário separava as nossas propriedades, que se situavam junto a uma estrada secundária a sul de Bon Temps. Sem Bill, viveria lá sozinha.

— Peru. Ouvi dizer — disse Jason, o meu irmão. Tinha o braço à volta da sua rapariga da noite, uma morena baixa e magra de vinte e um anos, oriunda da parvónia. (Pedira-lhe a identificação.) Olhei-a com atenção. Jason não sabia, mas era algum tipo de metamorfa. São fáceis de reconhecer. Era uma rapariga atraente, mas transformava-se em qualquer coisa com penas ou pêlo nas noites de lua cheia. Notei que Sam a olhou com intensidade quando Jason voltou as costas, lembrando-lhe como ela devia comportar-se no seu território. Retribuí o olhar com interesse. Pressenti que não se transformaria num gatinho ou num esquilo.

Pensei em entrar-lhe na mente para tentar lê-la, mas as cabeças dos metamorfos não são fáceis. É como se os seus pensamentos fossem retorcidos e avermelhados, apesar de, ocasionalmente, conseguir captar uma imagem clara das emoções. Com os lobisomens, passa-se o mesmo.

Sam transformava-se num cão *collie* quando a lua se apresentava cheia e luminosa. Por vezes, ia até minha casa, alimentava-o com uma malga de restos e deixava-o dormir no meu alpendre, quando o tempo estava bom, ou na sala, quando não estava. Não voltei a deixá-lo entrar no quarto porque acordava nu (uma condição em que tem muito bom aspecto, mas não preciso de ser tentada pelo meu patrão).

A noite não era de lua cheia e Jason estaria seguro. Decidi não lhe dizer nada sobre a sua acompanhante. Todos têm um segredo ou dois. O segredo dela era apenas um pouco mais colorido.

Além da acompanhante do meu irmão e de Sam, havia mais duas criaturas sobrenaturais no *Merlotte's* naquela noite de Ano Novo. Uma delas era uma mulher magnífica com, pelo menos, um metro e oitenta e cabelo escuro longo e ondulado. Vestida para matar com um vestido laranja e justo de mangas compridas, viera sozinha e ocupava-se de travar conhecimento com todos os homens no bar. Não soube o que era, mas soube pelo seu padrão cerebral que não era humana. A outra criatura era um vampiro que viera com um grupo de jovens, a maioria com vinte e poucos anos. Não conhecia nenhum deles. Apenas um olhar de soslaio de alguns dos outros convivas assinalou a presença do vampiro. Mostrava a mudança de atitude nos poucos anos passados desde a Grande Revelação.

Quase três anos antes, na noite da Grande Revelação, os vampiros tinham ido à televisão em todos os países para anunciar a sua existência. Fora uma noite em que muitas das crenças do mundo foram derrubadas e reorganizadas sem remédio.

Esta admissão fora motivada pelo desenvolvimento de sangue sintético pelos japoneses capaz de satisfazer nutricionalmente os vampiros. Desde a Grande Revelação, os Estados Unidos tinham passado por inúmeras perturbações políticas e sociais no processo atribulado de integrar os novos cidadãos, que tinham a particularidade de estarem mortos. Os vampiros têm uma face pública e uma explicação oficial da sua condição. Dizem sofrer de uma alergia à luz do sol e ao alho que provoca alterações metabólicas, mas eu vi o outro lado do mundo vampírico. Os meus olhos vêem agora muitas coisas que a maioria dos humanos nunca vê. Perguntem-me se este conhecimento me deixou feliz.

Não.

Mas tenho de admitir que o mundo se tornou, para mim, um sítio mais interessante. Passo muito tempo sozinha (já que não sou exactamente normal) e senti-me grata pelo material de reflexão adicional. O medo e o perigo não provocaram a mesma gratidão. Vi a face privada dos vampiros e descobri a existência de lobisomens, metamorfos e outras criaturas. Os lobisomens e os metamorfos preferem permanecer nas sombras, por enquanto, enquanto observam como a vida pública funciona para os vampiros.

Como vêem, tinha tudo isto em que pensar enquanto recolhia tabuleiro após tabuleiro de copos e canecas, descarregando e carregando a máquina de lavar para ajudar Tack, o novo cozinheiro. (O seu nome verdadeiro é Alphonse Petacki. Surpreende alguém que prefira «Tack»?) Quando a nossa parte da limpeza estava quase terminada e quando aquela longa noite chegou ao fim, abracei Arlene e desejei-lhe bom ano. Ela fez o mesmo. O namorado de Holly esperava-a nas traseiras e Holly acenou-nos enquanto vestia o casaco e corria para a saída.

— Que esperanças têm para o novo ano, senhoras? — perguntou Sam. Kenya encostava-se ao balcão, esperando-o, com face a calma e desperta. Kenya almoçava ali com frequência, juntamente com o seu parceiro, Kevin, que era tão pálido e magro como ela era escura e redonda. Sam colocava as cadeiras sobre as mesas para que Terry Bellefleur, que chegava muito cedo, pudesse lavar o chão.

— Saúde e o homem certo — disse Arlene, de forma dramática, fazendo estremecer as mãos sobre o coração e fazendo-nos rir. Arlene tinha encontrado muitos homens e tinha casado quatro vezes, mas continuava à procura do Sr. Certo. Conseguia ouvir Arlene pensar que poderia ser Tack. Sobressaltou-me. Nem sequer tinha percebido que o olhara.

A surpresa notou-se na minha cara e, com voz insegura, Arlene disse:

— Achas que devo desistir?

— Claro que não — respondi, prontamente, censurando-me por não camuflar melhor a expressão. Estava demasiado cansada. — Será este ano, sem dúvida, Arlene. — Sorri à única agente policial negra de Bon Temps. — Tens de fazer um desejo para o novo ano, Kenya. Ou de tomar uma decisão.

— Desejo sempre paz entre homens e mulheres — disse Kenya. — Facilitaria o meu trabalho. E a minha decisão é fazer cento e quarenta abdominais.

— Uau — exclamou Arlene. O seu cabelo tingido de ruivo contrastava violentamente com os caracóis naturais de Sam entre o louro e o ruivo quando lhe deu um abraço rápido. Não era muito mais alto do que Arlene, apesar de ter um metro e setenta e cinco, mais cinco centímetros do que eu. — Vou perder cinco quilos. É essa a minha decisão. — Todos rimos. A decisão de Arlene fora a mesma nos quatro anos anteriores. — E tu, Sam? Desejos e decisões? — perguntou.

— Tenho tudo aquilo de que preciso — disse. Senti a onda azul da

sinceridade irradiar da sua mente. — Decido manter-me neste rumo. O bar está bem, gosto de viver na minha caravana dupla e as pessoas aqui são tão boas como em qualquer outro sítio.

Voltei-me para esconder o sorriso. Fora uma afirmação bastante ambígua. As pessoas de Bon Temps eram, realmente, tão boas como em qualquer outro sítio.

— E tu, Sookie? — perguntou. Arlene, Kenya e Sam olhavam-me. Tornei a abraçar Arlene porque gosto de o fazer. Sou dez anos mais nova (talvez seja mais porque, apesar de Arlene dizer que tem trinta e seis, tenho as minhas dúvidas), mas somos amigas desde que começámos a trabalhar juntas no *Merlotte's* depois de o Sam comprar o bar, talvez uns cinco anos antes.

— Vamos — disse Arlene, encorajando-me. Sam rodeou-me com o braço. Kenya sorriu, mas saiu para a cozinha para trocar umas palavras com Tack.

Agindo por impulso, partilhei o meu desejo.

— Espero apenas não ser espancada — disse, combinando o cansaço e a hora tardia com uma sinceridade pouco adequada. — Não quero ir ao hospital. Não quero ver um médico. — Também não queria ter de ingerir sangue de vampiro, algo que me curaria num instante, mas que possuía vários efeitos secundários. — A minha decisão é manter-me longe de sarilhos — disse, com firmeza.

Arlene pareceu bastante sobressaltada e Sam pareceu... bom... não consegui perceber. Mas, porque abraçara Arlene, abracei-o também a ele e senti a força e o calor do seu corpo. Qualquer pessoa achará Sam frágil até o ver sem camisa, descarregando caixas de mercadoria. É muito forte e de constituição sólida e tem uma temperatura corporal naturalmente alta. Senti-o beijar-me o cabelo e, depois, demos as boas noites uns aos outros e saímos pela porta dos fundos. A carrinha de Sam estava estacionada à frente da caravana, instalada atrás do *Merlotte's*, mas num ângulo direito. Entrou no carro-patrolha de Kenya para ir ao banco. Ela trá-lo-ia de volta a casa e Sam desabaria na cama. Estava acordado há muitas horas, tal como todos nós.

Enquanto Arlene e eu abríamos os carros respectivos, notei que Tack esperava na sua velha carrinha. Era capaz de apostar que seguiria Arlene até casa.

Com um último «Boa noite!» gritado no ar gelado da noite do Louisiana, separámo-nos para começar o novo ano.

Virei para a Hummingbird Road a caminho de casa, que se situa

uns cinco quilómetros a sudeste do bar. O alívio por ficar, finalmente, sozinha era intenso e comecei a desconstrair mentalmente. Os meus faróis penetraram a muralha de troncos dos pinheiros que sustentavam a indústria madeireira local.

A noite estava muito escura e fria. Não havia iluminação pública nas estradas secundárias, claro. Não havia quaisquer criaturas a movimentar-se e não parava de dizer a mim mesma que devia ficar atenta a veados que atravessassem a estrada, ainda que conduzisse em piloto automático. Os meus pensamentos simples estavam preenchidos com o plano de esfregar a cara e vestir a camisa de noite mais quente antes de me enfiar na cama.

Algo branco foi iluminado pelos faróis do meu velho carro.

Gritei e fui arrancada à antecipação sonolenta de calor e silêncio.

Um corredor. Às três da manhã em Janeiro. Corria pela estrada secundária abaixo, aparentemente em fuga para salvar a vida.

Abrandeí, tentando perceber o que deveria fazer. Eu era uma mulher sozinha e desarmada. Se alguma coisa horrível o perseguisse, também poderia apanhar-me. Por outro lado, não podia permitir o sofrimento de alguém que poderia ajudar. Notei rapidamente que o homem era alto, louro e vestindo apenas calças de ganga azul antes de parar junto a ele. Travei o carro e debrucei-me para abrir a janela do lado do passageiro.

— Posso ajudar? — disse. Lançou-me um olhar de pânico e continuou a correr.

Mas, nesse momento, percebi quem era. Saltei para fora do carro e corri atrás dele.

— Eric! — gritei. — Sou eu!

Voltou-se, silvando e com os caninos totalmente expostos. Parei de forma tão abrupta que balucei sem sair do sítio, estendendo as mãos à frente do corpo num gesto de paz. Claro que, se Eric decidisse atacar, estaria morta. Menos uma boa samaritana no mundo.

Porque não me reconheceria? Conhecia-o há vários meses. Era o patrão de Bill na complicada hierarquia vampírica que começava a conhecer. Eric era o xerife da Área Cinco e era um vampiro em ascensão. Era também muito bonito e beijava com o calor de uma casa em chamas, mas, naquele momento, essa não era a sua faceta mais pertinente. O que via eram caninos e mãos fortes transformadas em garras. Eric estava em modo de alarme pleno, mas parecia recear-me tanto como eu o receava e ele. Não atacou.

— Para trás, mulher — advertiu. A sua voz soava rouca e forçada como se tivesse a garganta dorida.

— Que fazes aqui?

— Quem és tu?

— Sabes muito bem quem sou. Que se passa contigo? Porque andas por aqui sem carro? — Eric conduzia um *Corvette* esguio que combinava perfeitamente com ele.

— Conheces-me? Quem sou?

Não esperava aquilo. Não parecia estar a brincar. Respondi, com cautela:

— Claro que te conheço, Eric. A não ser que tenhas um gémeo idêntico. Não tens, pois não?

— Não sei. — Baixou os braços e os caninos pareceram retrair-se enquanto abandonava a posição de ataque. Senti que havia uma melhoria significativa na atmosfera do nosso encontro.

— Não sabes se tens um irmão? — Estava completamente perdida.

— Não. Não sei. Chamo-me Eric? — Iluminado pelos meus faróis, parecia perfeitamente miserável.

— Uau. — Não consegui pensar em nada mais útil para dizer. — Usas o nome Eric Northman hoje em dia. Porque estás aqui?

— Também não sei.

Começava a perceber uma tendência.

— A sério? Não te lembras de nada? — Tentei certificar-me de que, a qualquer momento, não me iria sorrir, explicar tudo e rir-se, envolvendo-me nalgum sarilho que me faria ser... espancada.

— A sério. — Deu um passo para mim e o seu peito branco nu cobriu-me com pele de galinha por solidariedade. Também percebi (agora que deixara de estar assustada) como parecia desamparado. Era uma expressão que nunca antes vira na sua face confiante e deixou-me incrivelmente triste.

— Sabes que és um vampiro, não?

— Sim. — Pareceu surpreso por ter perguntado. — E tu não és.

— Não. Sou muito humana e preciso de saber que não me magoarás. Mesmo que já pudesses tê-lo feito. Mas acredita em mim. Mesmo que não te lembres, somos mais ou menos amigos.

— Não te magoarei.

Pensei que era provável que centenas ou milhares de pessoas tivessem ouvido as mesmas palavras antes de Eric lhes rasgar as gargan-

tas. Mas é um facto que os vampiros não precisam de matar depois do seu primeiro ano. Um pouco de sangue aqui, mais um pouco ali. É essa a norma. Parecendo tão perdido, era difícil pensar que podia despedaçar-me apenas com as mãos.

Dissera certa vez a Bill que a coisa mais inteligente que os extraterrestres poderiam fazer (quando invadissem a Terra) seria chegarem disfarçados de coelhinhos de orelhas caídas.

— Anda. Entra no carro antes que congeles — disse-lhe. Voltava a sentir-me sugada para uma situação desagradável, mas não sabia que outra coisa poderia fazer.

— É verdade que te conheço? — perguntou, como se receasse entrar no carro com alguém tão ameaçador como uma mulher vinte e cinco centímetros mais baixa, muitos quilos mais leve e alguns séculos mais nova.

— Sim — respondi, incapaz de conter uma pontada de impaciência. Não estava muito satisfeita comigo mesma porque restava alguma suspeita de que estaria a ser ludibriada por algum motivo que me escapava. — Anda daí, Eric. Estou enregelada e tu também. — Por norma, os vampiros pareciam não ser afectados por temperaturas extremas, mas até a pele de Eric começava a parecer arrepiciada. Os mortos também podem congelar. Sobreviveriam (sobrevivem a quase tudo), mas suspeito que seria muito doloroso. — Meu Deus, Eric, estás descalço. — Não reparara nisso antes.

Peguei-lhe na mão. Deixara-me aproximar o suficiente para o fazer. Permitiu que o conduzisse até ao carro e o instalasse no banco do passageiro. Disse-lhe para fechar a janela enquanto me dirigia para o banco do condutor e, após um longo minuto de estudo do mecanismo, obedeceu.

Estiquei o braço para o banco de trás, procurando um velho cobertor de malha que lá costume guardar no Inverno (para jogos de futebol americano, etc.) e cobri-o com ele. Não tremia, claro, porque era um vampiro, mas não conseguia suportar ver toda aquela pele nua com a temperatura tão baixa. Coloquei o aquecimento no máximo (o que, no meu velho carro, não é muito).

A pele exposta de Eric nunca antes me fizera sentir frio. Sempre que vira assim tanto de Eric, sentira tudo menos frio. Sentia-me suficientemente zozza para rir alto antes de conseguir censurar os meus pensamentos.

Sobressaltou-se e olhou-me de soslaio.

— Eras a última pessoa que esperava ver — disse. — Procuravas o Bill? Ele viajou.

— O Bill?

— O vampiro que vive aqui? O meu ex-namorado?

Abanou a cabeça. Voltava a sentir-se absolutamente aterrado.

— Não sabes como vieste parar aqui?

Tornou a abanar a cabeça.

Esforçava-me muito para pensar. Mas não passava disso, um esforço. Estava esgotada. A explosão de adrenalina ao ver uma figura correndo pela estrada escura esgotava-se com rapidez. Alcancei o desvio para a minha casa e virei à esquerda, percorrendo a floresta negra e silenciosa no meu caminho agradável e nivelado, cuja gravilha nova, por acaso, tinha sido paga por Eric.

E era por isso que Eric estava sentado no meu carro em vez de correr pela noite fora como um coelho branco gigante. Tivera a clareza de espírito para me dar o que queria. (Claro que também quise-ra levar-me para a cama durante meses. Mas arranjava-me o caminho porque me fazia falta.)

— Chegámos — disse, parando junto às traseiras da velha casa. Desliguei o motor. Felizmente, lembrara-me de deixar as luzes exteriores acesas quando saíra para o trabalho nessa tarde. Por isso, não estávamos em escuridão total.

— É aqui que vives? — Olhava a clareira onde se situava a casa, parecendo recear ir do carro à porta das traseiras.

— Sim — respondi, exasperada.

Limitou-se a lançar-me um olhar que mostrava o branco dos olhos.

— Vamos — disse, sem qualquer graça. Saí do carro e subi os degraus até ao alpendre, que não tranco porque não faz sentido trancar um alpendre protegido com rede. Mas tranco a porta para a casa e, após um segundo a debater-me com a fechadura, consegui abri-la e a luz que deixo acesa na cozinha iluminou o alpendre. — Podes entrar — disse-lhe, para conseguir passar o limiar da porta. Seguiu-me, ainda com o cobertor em redor do corpo.

À luz da cozinha, Eric metia dó. Os pés nus sangravam, algo em que não notara antes.

— Oh, Eric — exclamei, com tristeza, retirando uma panela do armário e deixando correr água quente sobre o lava-louça. Sara-ria muito depressa, como todos os vampiros, mas não consegui evitar

querer lavá-lo. As calças de ganga estavam imundas junto à batinha. — Despe-as — disse, sabendo que se molhariam se lhe pusesse os pés de molho enquanto estivesse vestido.

Sem qualquer malícia ou outra indicação de que lhe agradava o desenvolvimento, despiu as calças. Atirei-as para o alpendre para as lavar na manhã seguinte, tentando não olhar espedada para o meu hóspede, que se cobria agora apenas com roupa interior vistosa, uma tanga escarlate cuja elasticidade era testada com afinco. Outra grande surpresa. Só vira a roupa interior de Eric numa ocasião (uma ocasião a mais do que deveria) e usava *boxers* de seda. Os homens mudavam de preferência com aquela facilidade?

Sem rodeios ou comentários, o vampiro voltou a enrolar o corpo pálido no cobertor. Hmm. Aquilo convenceu-me de que estava alterado como nenhum outro indício teria conseguido. Eric tinha mais de um metro e noventa de pura magnificência (magnificência de um branco marmóreo) e sabia-o bem.

Apontei-lhe uma das cadeiras de costas direitas que rodeavam a mesa da cozinha. Obediente, puxou uma e sentou-se. Agachei-me junto à panela no chão e guiei-lhe cuidadosamente os seus grandes pés para a água. Gemeu quando o calor lhe tocou os pés. Suponho que até um vampiro conseguiria sentir o contraste. Retirei um trapo limpo de baixo do lava-loiça e sabonete líquido. Lavei-lhe os pés. Demorei-me porque tentava pensar no que fazer a seguir.

— Andavas sozinha pela noite? — referiu, com alguma incerteza.

— Regressava do trabalho, como podes ver pelas minhas roupas. — Vestia a farda de Inverno, uma camisola branca de mangas compridas com *Merlotte's Bar* bordado sobre o seio esquerdo e enfiada em calças pretas.

— As mulheres não deviam andar sozinhas tão tarde — disse, em tom reprovador.

— Bem podes dizê-lo.

— Bom... As mulheres são mais vulneráveis a um ataque do que os homens e, por isso, devem ser mais protegidas...

— Não estava a ser literal. Queria dizer que concordava contigo. Estás a ensinar a missa ao padre. Não me agrada trabalhar até tão tarde.

— Então porque o fizeste?

— Preciso do dinheiro — respondi, limpando a mão e retirando um molho de notas do bolso e colocando-o sobre a mesa por me lembrar dele. — Tenho as despesas desta casa, o meu carro é velho e

preciso de pagar os impostos e o seguro. Como qualquer outra pessoa — acrescentei, para que não pensasse que me queixava sem razão. Odiava lamentar-me da minha pobreza, mas ele pedira-o.

— Não tens um homem na tua família?

Ocasionalmente, as suas idades manifestam-se.

— Tenho um irmão. Não me lembro se já conhecestes o Jason. — Um corte no pé esquerdo parecia especialmente mau. Coloquei mais água quente na pia para aquecer a que restava. Depois, tentei limpar toda a terra. Estremeceu enquanto esfreguei delicadamente o trapo sobre os limites da ferida. Os cortes e nódoas negras mais pequenos pareciam desaparecer diante dos meus olhos. O esquentador ligou-se atrás de mim. O som familiar era tranquilizante.

— O teu irmão permite que trabalhes?

Tentei imaginar a cara de Jason quando lhe dissesse que esperava que me sustentasse para o resto da minha vida por ser mulher e por não dever trabalhar fora de casa.

— Santo Deus, Eric. — Ergui o olhar para ele, com desgosto. — O Jason tem problemas próprios. — Como o egoísmo crónico e não conseguir resistir a um rabo de saias.

Coloquei a panela de água de lado e sequei-o com um pano da louça. Passava a ser um vampiro com pés limpos. Ergui-me com uma dificuldade considerável. Doíam-me as costas. Doíam-me os pés.

— Ouve, acho que devo ligar à Pam. É provável que saiba o que se passa contigo.

— Pam?

Era como ter diante de mim uma criança de dois anos particularmente irritante.

— O teu braço-direito.

Preparava-se para fazer outra pergunta. Percebia-o. Ergui uma mão.

— Espera. Deixa-me ligar-lhe primeiro para descobrir o que se passa.

— Mas e se me tiver atraído?

— Nesse caso, também precisaremos de o saber. Quanto mais cedo, melhor.

Peguei no velho telefone pendurado na parede da cozinha, junto ao fundo da bancada. Havia um banco alto ao lado. A minha avó sentava-se sempre no banco durante as suas demoradas conversas telefónicas, com um bloco e um lápis a jeito. Não havia dia em que não sentisse

a sua falta. Mas, naquele momento, não restava espaço na minha paleta emocional para o luto ou mesmo para a nostalgia. Procurei na minha pequena agenda o número do *Fangtasia*, o bar de vampiros em Shreveport que proporcionava a Eric o quinhão principal do seu rendimento e servia de base às suas operações, que sabia serem extensas. Não sabia até que ponto eram extensas nem conhecia a natureza dos seus outros negócios, mas não estava particularmente interessada em descobrir.

Lera no jornal de Shreveport que também o *Fangtasia* tinha preparado uma grande festa para aquela noite («Comece o Seu Ano Novo com Uma Dentada») e soube que alguém lá estaria. Enquanto o telefone tocava, abri o frigorífico e retirei uma garrafa de sangue para Eric. Enfiei-a no microondas e ajustei o temporizador. Vi que me seguia cada movimento com olhos ansiosos.

— *Fangtasia* — disse uma voz masculina com sotaque.

— Chow?

— Sim. De que forma poderei agradar-lhe? — Recordara a sua pose telefónica de vampiro sensual a tempo.

— É a Sookie.

— Ah — disse, com voz muito mais natural. — Ouve, Sook, feliz Ano Novo. Mas estamos um pouco ocupados aqui.

— Procuram alguém?

Seguiu-se um silêncio longo e carregado.

— Espera um minuto — disse. A seguir, deixei de ouvir.

— Pam — disse Pam. Erguera o auscultador de forma tão silenciosa que me sobressaltou ouvir a sua voz.

— Ainda tens um mestre? — Não sabia o que podia dizer pelo telefone. Queria saber se tinha sido ela a deixar Eric naquele estado ou se ainda lhe era leal.

— Tenho — respondeu, com firmeza, compreendendo o que queria saber. — Temos... alguns problemas.

Revolvi aquilo até me certificar de que conseguira ler nas entrelinhas. Pam dizia-me que ainda era leal a Eric e que o seu grupo de seguidores estava sob algum ataque ou envolvido em alguma crise.

Disse:

— Está aqui. — Pam apreciava a brevidade.

— Está vivo?

— Sim.

— Ferido?

— Mentalmente.

Uma pausa muito longa.

— Corres perigo?

Pam não se importaria muito se Eric decidisse drenar-me, mas pensaria se lhe daria abrigo.

— De momento, não me parece — respondi. — Parece ser uma questão de memória.

— Odeio bruxas. Os humanos estavam certos quando decidiram queimá-las na fogueira.

Levando em conta que os mesmos humanos que queimavam bruxas teriam adorado cravar uma estaca no coração dos vampiros, achei aquele comentário vagamente divertido. Mas não muito porque era muito tarde. Esqueci de imediato o que dissera. Bocejei.

— Iremos amanhã à noite — disse, por fim. — Podes ficar com ele durante o dia? O sol nascerá em menos de quatro horas. Tens um sítio seguro?

— Sim. Mas venham logo que anoiteça, ouviram? Não quero voltar a envolver-me nas vossas merdas de vampiros. — Normalmente, não falo de forma tão directa, mas, como disse, estava no fim de uma longa noite.

— Iremos.

Desligámos ao mesmo tempo. Eric observava-me, sem pestanejar os olhos azuis. O cabelo era um emaranhado de ondas louras. Era exactamente da cor do meu e também tenho olhos azuis, mas as semelhanças terminam aí.

Pensei em escovar-lhe o cabelo, mas sentia-me demasiado fatigada.

— Muito bem. Faremos assim — disse-lhe. — Ficas aqui o resto da noite e o dia. A Pam vem buscar-te amanhã à noite e explica-te o que está a acontecer.

— Não vais deixar ninguém entrar? — perguntou. Notei que tinha esvaziado a garrafa de sangue e que parecia menos tenso, o que era um alívio.

— Eric, darei o meu melhor para te manter seguro — disse, com delicadeza. Esfreguei a cara com as mãos. Adormeceria de pé. — Anda — disse, pegando-lhe na mão. Segurando o cobertor com a mão livre, percorreu o corredor atrás de mim. Um gigante branco como neve com roupa interior minúscula e vermelha.

A minha velha casa sofreu acréscimos ao longo dos anos, mas nunca foi mais do que uma humilde casa de quinta. Um segundo piso

foi acrescentado na viragem do século e há mais dois quartos e um sótão no andar de cima, mas raramente lá vou. Mantenho tudo desligado para poupar na electricidade. Há dois quartos no piso inferior. Ocupei o mais pequeno até à morte da minha avó e o maior, do lado oposto do corredor, pertencia-lhe. Mudara-me para o quarto maior depois da sua morte. Mas o buraco que Bill construía ficava no quarto mais pequeno. Levei Eric até lá, acendendo a luz e certificando-me de que as persianas estavam fechadas antes de correr as cortinas. Depois, abri a porta do armário, retirei as poucas coisas que continha e puxei a aba de carpete que cobria o soalho, expondo o alçapão. Por baixo, ficava um compartimento exíguo que Bill construía alguns meses antes para poder ficar lá durante o dia ou usá-lo como esconderijo se a sua casa deixasse de ser segura. Bill gostava de ter uma toca segura e, certamente, teria algumas que desconhecia. Se fosse vampira (Deus me livre), também as teria.

Tive de apagar os pensamentos sobre Bill da cabeça enquanto mostrava ao meu hóspede relutante como fechar o alçapão e como a aba de carpete voltava à posição inicial.

— Quando acordar, volto a pôr as coisas no armário para parecer natural — assegurei, sorrindo de forma encorajadora.

— Preciso de entrar agora? — perguntou.

Eric estava disposto a fazer o que lhe dissesse. O mundo estava mesmo virado do avesso.

— Não — respondi, tentando parecer preocupada. Apenas conseguia pensar na minha cama. — Não precisas. Entra antes de o sol nascer. É impossível esqueceres-te disso, não é? Quer dizer... Podes adormecer e acordar ao sol?

Pensou por um momento e abanou a cabeça.

— Não — disse. — Sei que isso não pode acontecer. Posso ficar no quarto contigo?

Ó, Deus. Olhos de cachorrinho. De um vampiro viquingue gigante e velho de séculos. Era demais. Não tinha energia suficiente para gargalhar e limitei-me a produzir um risinho triste.

— Anda daí — disse, sentindo a voz tão fraca como as pernas. Apaguei a luz naquele quarto, atravessei o corredor e acendi a luz do meu refúgio em tons de amarelo e branco, limpo e quente, puxando a colcha da cama, o cobertor e o lençol. Enquanto Eric se sentava, desamparado, numa cadeira do outro lado da cama, descalcei os sapatos e as meias, retirei uma camisa de noite de uma gaveta e dirigi-me à casa

de banho. Saí dez minutos depois, com dentes e cara limpos e agasalhada com um roupão de flanela muito velho e muito macio de cor creme e com flores azuis. As fitas eram torcidas e o folho no rabo era infeliz, mas assentava-me na perfeição. Depois de apagar a luz, lembrei-me de que ainda tinha o cabelo preso no rabo-de-cavalo habitual, puxei o elástico que o prendia e abanei a cabeça para o libertar. Até o meu couro cabeludo pareceu descontraír, fazendo-me suspirar de deleite.

Enquanto subia para a cama velha e alta, a grande carraça que apanhara na estrada fez o mesmo. Tinha-lhe dito que se podia deitar comigo? Decidi, enquanto me aninhava entre lençóis macios e familiares, o cobertor e a colcha que, se Eric tinha intenções que me envolvessem, estava demasiado cansada para me importar.

— Mulher?

— Hmm?

— Como te chamas?

— Sookie. Sookie Stackhouse.

— Obrigado, Sookie.

— De nada, Eric.

Por parecer tão perdido (o Eric que conhecia presumia sempre que os outros deviam servi-lo), procurei a sua mão por baixo das cobertas. Quando a encontrei, cobri-a com a minha. A palma da sua mão voltou-se para cima para receber a minha e os seus dedos uniram-se aos meus.

E, apesar de não achar possível adormecer de mão dada com um vampiro, foi precisamente o que aconteceu.

Acordei devagar. Permaneci enroscada por baixo das cobertas e, enquanto esticava ocasionalmente um braço ou uma perna, fui recordando os acontecimentos surrealistas da noite anterior.

Eric já não estava na cama comigo e presumi que estivesse seguro no buraco. Atravessei o corredor. Como tinha prometido, voltei a arrumar o conteúdo do armário para que parecesse normal. O relógio dizia-me que era meio-dia e, lá fora, o sol brilhava com intensidade, mesmo que o ar estivesse frio. No Natal, Jason dera-me um termómetro que lia a temperatura exterior e a assinalava num mostrador digital dentro de casa. Também mo instalara. Agora, sabia duas coisas. Era meio-dia e a temperatura exterior era de um grau.

Na cozinha, a panela de água em que lavara os pés de Eric continuava à espera no chão. Enquanto despejava a água no lava-loiça, vi que, em algum momento, passara por água a garrafa do sangue sintético. Teria de comprar mais para quando acordasse. É desaconselhável ter um vampiro faminto em casa e seria educado ter alguma coisa para oferecer a Pam e a quem viesse com ela de Shreveport. Explicar-me-iam as coisas... Ou não. Levariam Eric e resolveriam os problemas que afligiam a comunidade vampírica de Shreveport, deixando-me em paz. Ou não.

O *Merlotte's* estaria fechado no dia de Ano Novo até às quatro. Naquele dia e no seguinte, Charlsie, Danielle e a rapariga nova esta-

riam de serviço porque as restantes empregadas tinham trabalhado na noite de Ano Novo. Por isso, tinha dois dias inteiros de folga... e passaria pelo menos um deles sozinha em casa com um vampiro doente mental. A vida não podia correr melhor.

Bebi duas chávenas de café, enfiei as calças de Eric na máquina de lavar, li um romance durante algum tempo e estudei o meu novo calendário de palavras do dia, uma prenda de Natal de Arlene. A minha primeira palavra do novo ano era «dessangrar». Não seria um bom prenúncio.

Jason chegou pouco depois das quatro, voando sobre o meu caminho na sua carrinha preta com chamas rosa e roxas aplicadas de lado. Já tinha tomado banho e estava vestida, mas ainda tinha o cabelo molhado. Salpicara-o com loção amaciadora e escovava-o lentamente, sentada à frente da lareira. Ligara a televisão num canal que transmitia um jogo de futebol americano para ter alguma coisa que ver enquanto escovava, mas mantive o som no mínimo. Ponderava a situação de Eric enquanto me deleitava com a sensação do calor nas costas.

Não usáramos muito a lareira nos anos anteriores porque comprar lenha era muito caro, mas Jason cortara muitas árvores caídas no ano anterior depois de um nevão. Estava bem fornecida e encantava-me com as chamas.

O meu irmão subiu os degraus com passos pesados e bateu apenas por hábito antes de entrar. Tal como eu, quase crescera naquela casa. A avó acolhera-nos quando os nossos pais morreram e alugou-lhes a casa até Jason dizer que estava preparado para viver sozinho aos vinte anos. Tinha agora vinte e oito e era o chefe de uma equipa de reparação de estradas do condado. Era um grande salto para um rapaz local sem grande instrução e achei que lhe bastava até começar a revelar-se irrequieto nos meses anteriores.

— Ótimo — disse, quando viu a fogueira. Manteve-se de pé à frente dela para aquecer as mãos, bloqueando-me o calor. — A que horas chegaste ontem à noite? — perguntou, olhando-me sobre o ombro.

— Acho que devo ter ido para a cama às três.

— Que te pareceu a rapariga que estava comigo?

— Acho que será melhor não voltares a sair com ela.

Não fora o que esperara ouvir. Os seus olhos fixaram-se nos meus.

— O que lhe ouviste na cabeça? — perguntou, com a voz contida. O meu irmão sabe que sou telepata, mas nunca discutiria o assunto comigo ou com qualquer outra pessoa. Vi-o envolver-se em zaragatas

com homens que me acusaram de ser anormal, mas sabe que sou diferente. Os outros também sabem. Apenas optam por não acreditar ou acreditam que não seria capaz de ler os seus pensamentos como faço aos dos outros. Deus sabe que tento agir e falar como se não captasse uma torrente indesejada de ideias, emoções, arrependimentos e acusações, mas, por vezes, não consigo evitar que transpareça.

— Não é como tu — disse, olhando o fogo.

— Não é nenhuma vampira — protestou.

— Não, não é uma vampira.

— Então? — Olhou-me com ferocidade.

— Jason, quando os vampiros se revelaram, quando descobrimos que eram reais depois de décadas a achar que não passavam de uma lenda assustadora, nunca pensaste se haveria outras histórias que também seriam reais?

Vi-o debater-se com a ideia durante um minuto. Soube (porque conseguia «ouvi-lo») que Jason queria negar qualquer ideia do género e chamar-me maluca, mas não conseguia fazê-lo.

— Tens a certeza — disse. Não era exactamente uma pergunta.

Certifiquei-me de que me olhava nos olhos e acenei afirmativamente, tentando parecer compreensiva.

— Ora, merda — exclamou, enojado. — Gostava mesmo dela e é um tigre na cama.

— A sério? — perguntei, absolutamente atordoada por se ter transformado diante dele sem que a lua estivesse cheia. — Estás bem? — No momento seguinte, censurei-me pela estupidez. Claro que não se tinha transformado.

Olhou-me, boquiaberto, por um instante, antes de se rir.

— Sookie, és uma rapariga esquisita! Parecia mesmo que acreditavas que ela podia... — A sua expressão alterou-se. Conseguia sentir a ideia abrir um buraco na bolha protectora com que a maioria das pessoas rodeia o cérebro, a bolha que repele visões e ideias que não se adequam às expectativas quotidianas. Jason deixou-se cair sobre a poltrona da avó. — Preferia não saber isso — disse, com a voz muito baixa.

— Poderá não ser exactamente o que lhe acontece. O tigre. Mas acredita que acontece alguma coisa.

A sua cara levou um minuto a readquirir linhas familiares, mas conseguiu. Era um comportamento típico de Jason: Não havia nada que pudesse fazer acerca daqueles novos factos e remetia-os para as profundezas escuras da sua mente.

— Ouve, viste a rapariga que vinha com o Hoyt na noite passada? Depois de deixarem o bar, o Hoyt ficou preso numa valeta a caminho de Arcadia e tiveram de andar três quilómetros à procura de um telefone porque tinha o telemóvel sem bateria.

— Não acredito! — exclamei, num tom confortante e apropriado à partilha de boatos. — E ela com aqueles saltos. — O equilíbrio de Jason estava restaurado. Contou-me os boatos locais durante alguns minutos, aceitou a minha oferta de uma *Coca-Cola* e perguntou-me se precisava de alguma coisa da cidade.

— Preciso. — Pensara enquanto o ouvia falar. Tinha ouvido a maior parte das suas notícias noutras cabeças durante as noites anteriores nos momentos em que baixei a guarda.

— Ai... — disse ele, fingindo-se assustado. — O que me espera?

— Preciso de dez garrafas de sangue sintético e roupa para um homem grande — expliquei, voltando a sobressaltá-lo. Pobre Jason. Merecia uma irmã tolinha e espevitada que lhe desse sobrinhas e sobrinhos para o tratarem por tio Jase e para se agarrarem às suas pernas. Em vez disso, tinha-me a mim.

— Que altura tem o homem e onde está?

— Tem cerca de um metro e noventa e está a dormir — respondi. — Calculo que terá trinta e quatro de cintura e tem pernas compridas e ombros largos. — Tentaria lembrar-me de verificar a etiqueta do tamanho nas calças de Eric, que ainda estavam na máquina de secar no alpendre traseiro.

— Que tipo de roupa?

— Roupas de trabalho.

— É alguém que conheça?

— Eu — disse uma voz muito mais grave.

Jason voltou-se como se esperasse ser atacado, o que mostrou que os seus instintos, afinal, não eram assim tão maus. Mas Eric parecia tão inofensivo como poderá parecer um vampiro do seu tamanho. E acedera a vestir o roupão de banho em veludo castanho que lhe deixara na casa de banho secundária. Tinha-o guardado para Bill e custava-me vê-lo vestido por outra pessoa. Mas tinha de ser prática. Eric não podia andar pela casa com uma tanga vermelha. Pelo menos, não enquanto o Jason ali estivesse.

Jason olhou Eric, especado, e lançou-me um olhar de choque.

— É este o teu novo homem, Sookie? Não perdeste tempo. — Não sabia se devia soar impressionado ou indignado. Jason ainda não

tinha percebido que Eric estava morto. Acho espantosa a quantidade de pessoas que não consegue perceber de imediato. — E tenho de lhe arranjar roupa?

— Sim. A camisa foi rasgada ontem à noite e as calças de ganga ainda estão sujas.

— Não me apresentas?

Inspirei fundo. Teria sido muito melhor se Jason não o tivesse visto.

— É melhor não — disse.

Não agradou a nenhum dos dois. Jason pareceu magoado e o vampiro pareceu ofendido.

— Eric — disse ele, estendendo a mão a Jason.

— Jason Stackhouse, irmão desta senhora malcriada — disse Jason. Apertaram as mãos e apeteceu-me apertar o pescoço aos dois.

— Presumo que haja um motivo para não poderem ir os dois comprar roupa — disse Jason.

— Há um motivo excelente — disse. — E há uns vinte bons motivos para esqueceres que o viste.

— Corres perigo? — A pergunta de Jason foi-me directamente dirigida.

— Ainda não — respondi.

— Se fizeres alguma coisa que magoe a minha irmã, vais pagar por isso — disse Jason ao vampiro Eric.

— Não esperaria outra coisa — disse Eric. — Mas, já que estás a ser sincero, também serei sincero contigo. Acho que devias apoiá-la e acolhê-la na tua casa para poderes protegê-la melhor.

Jason ficou de boca aberta e tive de tapar a minha para não me rir. Era melhor ainda do que o que tinha imaginado.

— Dez garrafas de sangue e uma muda de roupa? — perguntou Jason. Soube pela mudança no tom de voz que tinha percebido, finalmente, a condição de Eric.

— Certo. A loja de bebidas terá o sangue. Podes comprar a roupa no *Wal-Mart*. — Eric era, basicamente, um tipo de calças de ganga e camisola de manga curta e, de qualquer forma, não teria dinheiro para mais. — Ah. Também precisa de sapatos.

Jason aproximou-se de Eric e colocou o seu pé ao lado do pé do vampiro. Assobiou, sobressaltando Eric.

— Pés grandes — comentou, lançando-me um olhar. — O velho ditado é verdadeiro?

Sorri-lhe. Tentava aligeirar o ambiente.

— Podes não acreditar, mas não sei.

— É difícil de engolir... sem malícia. Bom... Vou andando — disse Jason, despedindo-se de Eric com um aceno de cabeça. Segundos depois, ouvi a carrinha partir pelas curvas do caminho entre a floresta escura. Anoiocera por completo.

— Lamento ter chegado enquanto ele aqui estava — disse Eric, receoso. — Penso que não querias que o conhecesse. — Aproximou-se do fogo e o calor pareceu agradar-lhe tanto como a mim.

— Não me envergonha que aqui estejas — disse. — Mas suspeito que estejas metido em problemas sérios e não quero envolver o meu irmão.

— É o teu único irmão?

— Sim. E os meus pais morreram. A minha avó também. É tudo o que tenho, excepto uma prima que anda metida na droga há anos. Acho que não tem remédio.

— Não fiques tão triste — disse, como se o não conseguisse evitar.

— Estou bem. — Tornei a voz enérgica e directa.

— Bebeste o meu sangue — disse.

Ai. Permaneci absolutamente imóvel.

— Não conseguiria perceber como te sentes se não tivesses bebido o meu sangue — explicou. — Somos... fomos... amantes?

Era certamente uma forma agradável de pôr a questão. Eric costumava ser bastante anglo-saxão no que dizia respeito a sexo.

— Não — disse, sem hesitar. E dizia a verdade, apesar de ser por muito pouco. Graças a Deus, tínhamos sido interrompidos a tempo. Não sou casada. Tenho momentos de fraqueza. E ele é lindo. Que posso dizer?

Mas fitava-me com um olhar intenso e senti-me corar.

— Este roupão não pertence ao teu irmão.

Bolas. Olhei a fogueira como se as chamas pudessem responder por mim.

— De quem é?

— Do Bill — respondi. Foi fácil.

— É o teu amante?

Acenei afirmativamente.

— Foi — expliquei, sincera.

— É meu amigo?

Pensei no assunto.

— Não exactamente. Vive na área de que és xerife. A Área Cinco? — Recomecei a escovar o cabelo e descobri que estava seco. Estava carregado de electricidade estática e colou-se à escova. Sorri ao ver o efeito no meu reflexo no espelho que tenho sobre a lareira. Também conseguia ver Eric no espelho. Não sei o que originou a história sobre os vampiros não poderem ser vistos nos espelhos. Havia certamente muito de Eric para ver porque era muito alto e não prendera o roupão com cuidado... Fechei os olhos.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou, ansioso.

De mais controlo.

— Estou bem — respondi, tentando não ranger os dentes. — Os teus amigos chegarão em breve. As calças estão na máquina de secar e espero que Jason regresse depressa com a roupa.

— Os meus amigos?

— Os vampiros que trabalham para ti. Suponho que a Pam contactará como amiga. O Chow não sei.

— Sookie, onde trabalho? Quem é a Pam?

Era uma conversa trabalhosa. Tentei explicar a Eric a posição que ocupava, a propriedade do *Fangtasia*, os seus outros interesses empresariais, mas, para ser sincera, não sabia o suficiente para o informar devidamente.

— Não sabes muito sobre o que faço — referiu, correctamente.

— Apenas vou ao *Fangtasia* quando o Bill me leva e só me leva quando queres que faça alguma coisa. — Atingi-me na testa com a escova. Estúpida, estúpida!

— Como poderia obrigar-te a fazer alguma coisa? Empréstas-me a escova? — perguntou Eric. Olhei-o. Parecia pensativo.

— Claro — disse, decidindo tentar ignorar a primeira pergunta. Passei-lhe a escova. Começou a usá-la no seu cabelo, fazendo dançar os músculos do peito. «Santo Deus. Talvez devesse voltar ao chuveiro e deixar correr a água fria?» Fui ao quarto, trouxe um elástico e preendi o cabelo no rabo-de-cavalo mais justo que consegui, no alto da cabeça. Usei a minha segunda melhor escova para o alisar e, voltando a cabeça para os dois lados, verifiquei que estava centrado.

— Estás tensa — disse Eric, da porta, fazendo-me gritar. — Desculpa, desculpa! — apressou-se a acrescentar.

Olhei-o com desagrado, desconfiada. Mas parecia arrependido. No seu estado natural, Eric ter-se-ia rido. Mas sentia a falta do verdadeiro Eric. Sabia o que esperar.

Ouvi uma batida na porta.

— Fica aqui — disse-lhe. Pareceu muito preocupado e sentou-se na cadeira ao canto do quarto, como um bom menino. Congratulei-me por ter apanhado as roupas que despira na noite anterior para o meu quarto não parecer tão pessoal. Atravessei a sala para chegar à porta da frente, esperando que não houvesse mais surpresas.

— Quem é? — perguntei, aproximando a orelha da porta.

— Estamos aqui — disse Pam.

Comecei a rodar a maçaneta, parei e lembrei-me de que não poderiam entrar. Abri a porta.

O cabelo de Pam era liso e tão claro como uma pétala de magnólia. Além disso, parecia uma jovem dona-de-casa suburbana com um emprego a tempo parcial numa escola pré-primária.

Apesar de não me parecer que Pam fosse a pessoa ideal para cuidar dos filhos de alguém, nunca a vira fazer nada de extraordinariamente cruel ou vicioso. Mas não tinha dúvidas de que os vampiros eram superiores aos humanos, era directa e não tentava escolher as palavras mais agradáveis de ouvir. Se Pam achasse necessária alguma acção extrema para preservar o seu bem-estar, estou certa de que a tomaria sem hesitar. Parece ser excelente no papel de braço-direito e não ser demasiado ambiciosa. Se desejava ter o seu próprio domínio, mantinha esse desejo muito bem escondido.

Chow é muito diferente. Não quero conhecê-lo melhor do que conheço. Não confio nele e nunca me senti confortável perto dele. É asiático. Um vampiro de constituição pequena mas poderosa, com cabelo preto mais longo do que curto. Não medirá mais de um metro e sessenta e oito, mas cada centímetro de pele exposta (à excepção da cara) está coberto com tatuagens intrincadas que são verdadeira arte gravada em pele humana. Pam diz que são tatuagens da *yakuza*. Chow trabalha como empregado de bar do *Fangtasia* em algumas noites e, noutras, limita-se a ficar sentado por ali, permitindo que os clientes se aproximem. (É esse o propósito dos bares de vampiros. Deixar humanos comuns sentirem que fazem algo selvagem e perigoso por partilharem o espaço com mortos-vivos reais. Bill contou-me que era muito lucrativo.)

Pam vestia uma camisola felpuda de cor creme e calças de um castanho dourado. Chow trazia o habitual colete e calças largas. Raramente usava camisa para permitir aos clientes do *Fangtasia* apreciarem por completo a sua arte corporal.

Chamei Eric e ele veio lentamente até à sala. Estava visivelmente receoso.

— Eric — disse Pam quando o viu. Havia alívio na sua voz. — Estás bem? — Os seus olhos fixavam-se em Eric com ansiedade. Não lhe fez uma vénia, mas uma espécie de aceno de cabeça demorado.

— Mestre — disse Chow, curvando-se.

Tentei não interpretar demasiado o que via e ouvia, mas presumi que os cumprimentos diferentes representassem os relacionamentos existentes entre os três.

Eric pareceu inseguro.

— Conheço-vos — disse, esforçando-se por aproximar mais a frase de uma afirmação do que de uma pergunta.

Os outros dois vampiros trocaram um olhar.

— Trabalhamos para ti — disse Pam. — Devemos-te lealdade.

Comecei a sair da sala porque estava certa de que queriam falar de coisas secretas de vampiros. E, se havia coisa que não queria saber, seriam mais segredos.

— Não vás, por favor — disse-me Eric. Notei-lhe o medo na voz. Estaquei e olhei para trás. Pam e Chow olhavam-me sobre os ombros de Eric e tinham expressões bastante diferentes. Pam parecia quase divertida. Chow ostentava uma clara desaprovação.

Tentei não olhar Eric nos olhos para poder sair de consciência tranquila, mas não funcionou. Não queria ficar sozinho com os seus dois subalternos. Expirei de forma sonora. Bolas. Voltei para junto de Eric, fitando Pam pelo caminho.

Ouviu-se outra batida na porta, provocando uma reacção dramática a Pam e Chow. Estavam os dois prontos para lutar em qualquer instante e vampiros naquele estado de prontidão são muito assustadores. Os caninos alongam-se, os dedos arqueiam-se como garras e os corpos ficam em alerta máximo. O ar parece crepitar em seu redor.

— Sim? — disse, sem abrir a porta. Tinha de instalar um óculo.

— É o teu irmão — disse Jason, bruscamente. Não sabia a sorte que tivera por não se ter limitado a entrar.

Algo deixara Jason de mau humor e pensei se haveria alguém com ele. Quase abri a porta, mas hesitei. Por fim, sentindo-me uma traidora, voltei-me para Pam. Apontei silenciosamente a porta das traseiras ao fundo do corredor, simulando a abertura e o fecho com um gesto para que percebesse bem o que queria dizer. Fiz um círculo no ar com o dedo. «Contorna a casa, Pam.» E apontei a porta da frente.

Pam acenou afirmativamente e correu pelo corredor até às traseiras. Não consegui ouvir os seus pés sobre o chão. Espantoso.

Eric afastou-se da porta. Chow posicionou-se à sua frente. Era exactamente o que um subalterno deveria fazer.

Em menos de um minuto, ouvi Jason gritar a uns quinze centímetros de distância. Afastei-me da porta com um salto.

Pam disse:

— Abre!

Abri a porta e vi Jason imobilizado nos braços de Pam. Erguia-o do chão sem esforço, mesmo que se debatesse como louco e se esforçasse ao máximo para lhe dificultar a vida. Abençoado.

— Estás sozinho — disse, com o alívio sobrepondo-se a todas as outras emoções.

— Claro, raios! Porque ma atiçaste? Põe-me no chão!

— É o meu irmão, Pam — expliquei. — Pousa-o, por favor.

Pam pousou Jason que, de imediato, se voltou para a olhar.

— Ouve, mulher! Não podes surpreender um homem assim! Tens sorte por não teres levado uns carolos na cabeça!

Pam pareceu novamente divertida e até Jason se mostrou envergonhado. Não evitou um sorriso.

— Acho que seria bastante difícil — admitiu, pegando nos sacos que deixara cair. Pam ajudou-o. — Ainda bem que trouxe o sangue nas garrafas grandes de plástico — disse. — Ou esta senhora encantadora teria de passar fome.

Dirigiu um sorriso amistoso a Pam. Jason adora mulheres. Com Pam, Jason estava muito além das suas capacidades, mas não parecia sensato ao ponto de o saber.

— Obrigada. Tens de ir embora — disse-lhe, abruptamente. Retirei-lhe os sacos de plástico das mãos. Continuava a olhar Pam e o olhar era retribuído. Estava a encantá-lo. — Pam — disse, elevando a voz. — Pam, é o meu irmão.

— Eu sei — respondeu, calmamente. — Jason, tinhas alguma coisa para nos dizer?

Esquecera que Jason parecera conter-se com dificuldade quando bateu à porta.

— Sim — respondeu, quase incapaz de afastar os olhos da vampira. Mas, quando olhou na minha direcção, viu Chow e arregalou os olhos. Tinha, pelo menos, o bom senso suficiente para recluir Chow. — Sookie? — disse. — Estás bem? — Deu um passo para a sala e con-

segui ver a adrenalina que sobrara do susto provocado por Pam voltar a percorrer-lhe o sistema.

— Sim. Está tudo bem. São só amigos do Eric que vieram ver como está.

— Então é melhor tirarem os cartazes.

Aquilo captou a atenção de todos. Jason apreciou.

— Há cartazes no *Wal-Mart*, no *Grabbit Kwik*, no *Bottle Barn* e por todo o lado na cidade — explicou. — Dizem todos: «Viu este homem?» e dizem que foi raptado e que os amigos estão preocupados. A recomendação por um avistamento confirmado é de cinquenta mil dólares.

Não processei muito bem aquela informação. Tinha a cabeça ocupada com um grande «Hã?» quando Pam percebeu.

— Esperam encontrá-lo e capturá-lo — disse a Chow. — Funcionará.

— Deveríamos tratar do assunto — replicou, indicando Jason com um aceno de cabeça.

— Não te atrevas a pôr as mãos em cima do meu irmão — disse-lhe. Coloquei-me entre Jason e Chow e as minhas mãos ansiavam por uma estaca, por um martelo ou por qualquer coisa que impedisse o vampiro de tocar no meu irmão.

Pam e Chow fitaram-me com uma atenção inabalável. Não achei aquilo tão agradável como Jason achara. Achei que era mortífero. Jason abriu a boca para falar. Sentia a fúria crescer dentro dele e o impulso do confronto, mas a minha mão segurou-lhe o pulso e grunhiu quando lhe disse:

— Não digas nada. — Por milagre, não o fez. Pareceu pressentir que os acontecimentos se moviam com demasiada rapidez num rumo grave.

— Também terão de me matar a mim — disse.

Chow encolheu os ombros.

— Que grande ameaça.

Pam não disse nada. Se tivesse de escolher entre os interesses dos vampiros e ser minha amiga... Acho que teríamos de cancelar a nossa festa de pijama. E eu que planeava entrançar-lhe o cabelo.

— Que se passa aqui? — perguntou Eric. A sua voz soava consideravelmente mais forte. — Explica... Pam.

Passou um minuto enquanto as coisas se equilibravam. Depois, Pam voltou-se para Eric e poderia sentir-se vagamente aliviada por não ter de me matar naquele momento.

— A Sookie e este homem, o seu irmão, viram-te — explicou. — São humanos. Precisam de dinheiro. Vão entregar-te às bruxas.

— Quais bruxas? — perguntámos os dois, Jason e eu, em simultâneo.

— Obrigado por nos envolveres nesta merda, Eric — murmurou Jason, de forma injusta. — E podes largar-me o pulso, Sook? És mais forte do que pareces.

Era mais forte do que deveria porque ingerira sangue de vampiro. O sangue de Eric fora o mais recente. Os efeitos durariam mais três semanas. Talvez um pouco mais. Aprendera aquilo com experiências passadas.

Infelizmente, precisara da força adicional num momento baixo da minha vida. O mesmo vampiro que agora vestia o roupão de banho do meu ex-namorado doara o seu sangue quando fui ferida com gravidade e precisava de seguir em frente.

— Jason — disse, mantendo a voz calma, como se os vampiros não me conseguissem ouvir assim. — Tem cuidado. — Era o máximo que me podia aproximar de dizer a Jason para ser inteligente por uma vez na vida. Gostava demasiado de ceder a impulsos primários.

De forma muito lenta e cautelosa, como se houvesse um leão à solta na sala, Jason e eu sentámo-nos no velho sofá ao lado da lareira. Aquilo acalmou um pouco a situação. Após uma breve hesitação, Eric sentou-se no chão e encostou-se às minhas pernas. Pam instalou-se sobre o braço da poltrona, mais perto da lareira, mas Chow optou por permanecer de pé, perto de Jason (dentro do que calculei ser a distância a que conseguiria saltar). A atmosfera tornou-se menos tensa, mas sem ser descontraída. De qualquer forma, era uma evolução em relação ao que estivera prestes a acontecer momentos antes.

— O teu irmão precisa de ficar e ouvir isto — disse Pam. — Não importa que não queiras que saiba. Precisa de saber porque não deverá tentar conseguir o dinheiro prometido.

Troquei um aceno de cabeça rápido com Jason. Não estava propriamente em posição de os pôr na rua. Esperem! Podia fazê-lo! Podia dizer-lhes a todos que retirava o convite para entrarem e lá iriam eles pela porta fora, caminhando de costas. Dei comigo a sorrir. Anular um convite era bastante agradável. Fizera-o uma vez, forçando Bill e Eric a saírem disparados da minha sala. Sentira-me tão bem que anularia também o convite feito a todos os vampiros que conhecia. Sentia o meu sorriso esmorecer enquanto pensava melhor.

Se cedesse àquele impulso, teria de passar em casa todas as noites do resto da minha vida, porque voltariam ao anoitecer no dia seguinte e no dia a seguir a esse e assim sucessivamente até me apanharem por ter o seu chefe. Olhei Chow com desagrado. Estava disposta a culpá-lo por tudo aquilo.

— Várias noites atrás, ouvimos... no *Fangtasia* — explicou Pam para benefício de Jason — que um grupo de bruxas tinha chegado a Shreveport. Foi uma humana a contar-nos, uma humana que deseja Chow. Não sabia porque é que essa informação nos interessava tanto.

Não me pareceu demasiado ameaçador. Jason encolheu os ombros.

— E então? — disse. — Bolas, vocês são vampiros. O que pode fazer-vos um bando de raparigas de preto?

— As bruxas reais podem fazer muita coisa aos vampiros — respondeu Pam com uma contenção notável. — As «raparigas de preto» em que pensas são apenas imitadoras. As verdadeiras bruxas são mulheres de qualquer idade e também podem ser homens. São muito poderosas. Controlam forças mágicas e a nossa existência tem um fundamento mágico. Este grupo parece ter um pouco mais de... — Hesitou, olhando em redor à procura da palavra certa.

— De sumo? — sugeriu Jason, prestável.

— De sumo — concordou Pam. — Não conseguimos descobrir o que as torna tão poderosas.

— O que as trouxe a Shreveport? — perguntei.

— Uma boa pergunta — considerou Chow. — Uma pergunta muito melhor.

Franzi-lhe a testa. Não precisava da sua aprovação.

— Queriam... Querem apossar-se dos negócios do Eric — explicou Pam. — As bruxas também são movidas pelo desejo de conseguir dinheiro e acham que poderão roubar-lhe os negócios ou forçar Eric a pagar-lhes para ser deixado em paz.

— Dinheiro para protecção. — Era um conceito familiar para uma espectadora de televisão. — Mas como poderiam forçar-vos a fazer o que quer que seja? Vocês são tão poderosos.

— Não fazes ideia dos problemas que podem afectar um negócio se as bruxas quiserem deitar-lhe a mão. Quando as encontrámos pela primeira vez, os seus líderes, uma irmã e um irmão, explicaram tudo. A Hallow deixou claro que amaldiçoaria o nosso trabalho, faria as nossas bebidas alcoólicas estragarem-se e faria os clientes tropeçarem na

pista de dança e processarem-nos. Para não referir os problemas de canalização. — Pam ergueu as mãos, enojada. — Tornaria cada noite um pesadelo e as nossas receitas cairiam a pique. Talvez ao ponto de o *Fangtasia* perder todo o valor.

Troquei um olhar cauteloso com Jason. Naturalmente, os vampiros dedicavam-se com afinco ao negócio dos bares porque era o mais lucrativo à noite, quando estavam acordados. Tinham tentado envolver-se em lavandarias abertas durante toda a noite, restaurantes abertos durante toda a noite, cinemas nocturnos... mas o negócio dos bares era o que permitia ganhar mais dinheiro. Se o *Fangtasia* fechasse, as finanças de Eric sofreriam um golpe.

— Então querem dinheiro para protecção — disse Jason. Eu vira a trilogia «*O Padrinho*» umas cinquenta vezes. Pensei em perguntar-lhe se queria dormir com os peixes, mas Chow parecia nervoso e contive-me. Estávamos os dois muito perto de uma morte desagradável e sabia que não era a altura ideal para graças, sobretudo para graças que quase não tinham graça alguma.

— Como acabou o Eric a correr pela estrada à noite, sem camisa nem sapatos? — perguntei, achando que chegara o momento de ir directa ao assunto.

Houve uma longa troca de olhares entre os dois subordinados. Baixei os olhos para Eric, encostado às minhas pernas. Parecia tão interessado na resposta como nós. Segurava-me o tornozelo com firmeza. Senti-me um cobertor de conforto de uma criança grande.

Chow decidiu seguir pela via narrativa.

— Dissemos-lhes que discutiríamos a sua ameaça. Mas, na noite passada, quando começámos a trabalhar, uma das bruxas menores esperava à porta do *Fangtasia* com uma proposta alternativa. — Pareceu pouco confortável. — Durante o nosso encontro inicial, a líder do círculo, a Hallow, decidiu que... hmm... desejava o Eric. Compreendem que tal união é profundamente censurada entre bruxas porque estamos mortos e a bruxaria pretende ser tão... orgânica. — Chow cuspiu a palavra como se fosse algo que tivesse pisado. — Claro que a maioria das bruxas nunca faria o que este círculo tenta fazer. São pessoas atraídas pelo próprio poder e não pela religião que lhe serve de base.

Era interessante, mas queria ouvir o resto da história. O mesmo se passava com Jason, que fez com a mão um gesto de «andem lá com isso». Com um pequeno aceno para si próprio, como se quisesse afastar os pensamentos em que se embrenhara, Chow prosseguiu.

— Esta líder das bruxas, a Hallow, disse ao Eric por intermédio da sua subalterna que, se a entretivesse durante sete noites, exigiria apenas um quinto das suas receitas e não metade.

— Deves ter uma reputação e tanto — disse o meu irmão a Eric, com a voz plena de admiração sincera. Eric não conseguiu esconder totalmente a sua expressão de agrado. Agradava-lhe ouvir que era tamanho Romeu. Havia uma ligeira diferença na forma como me olhou no momento seguinte e tive uma sensação de horrível inevitabilidade, como sucede quando vemos o nosso carro começar a deslizar por uma rua abaixo (apesar da certeza de o termos deixado travado) e sabemos que não há maneira de o alcançar para puxar o travão, por mais que queiramos. O carro vai estampar-se.

— Apesar de alguns de nós terem considerado que seria sensato aceitar, o nosso mestre negou-se — disse Chow, pronunciando «o nosso mestre» com um olhar onde havia muito pouco afecto. — E o nosso mestre entendeu recusar de forma tão insultuosa que a bruxa o amaldiçoou.

Eric parecia envergonhado.

— Porque rejeitarias um acordo destes? — perguntou Jason, verdadeiramente intrigado.

— Não me lembro — disse Eric, aproximando-se mais um milímetro das minhas pernas. Um milímetro era a distância que faltava. Parecia descontraído, mas sabia que não estava. Conseguia sentir a tensão no seu corpo. — Não sabia o meu nome até esta mulher, a Sookie, mo ter dito.

— E como foste parar à floresta?

— Também não sei.

— Desapareceu de onde estava — disse Pam. — Estávamos sentados no escritório com a bruxa jovem e Chow e eu discutíamos com Eric a sua recusa. No momento seguinte, deixámos de o fazer.

— Diz-te alguma coisa, Eric? — perguntei. Surpreendi-me a estender a mão para lhe acariciar o cabelo como faria a um cão que aproximasse o focinho de mim.

O vampiro pareceu intrigado. Apesar de o inglês de Eric ser excelente, ocasionalmente, uma frase feita intrigava-o.

— Lembras-te de alguma coisa disto? — perguntei, de forma mais clara. — Tens alguma memória?

— Nasci no momento em que corria pela estrada na escuridão fria — respondeu. — Até me acolheres, era um vazio.

Posto daquela forma, parecia aterrador.

— Não faz sentido — disse. — Não aconteceria do nada, sem aviso.

Pam não pareceu ofendida, mas Chow esforçou-se.

— Vocês os dois fizeram alguma coisa, não? Fizeram asneira. O que fizeram? — Os dois braços de Eric rodearam-me as pernas, impedindo-me de sair de onde estava. Suprimi uma pequena explosão de pânico. Sentia-se apenas inseguro.

— O Chow perdeu a paciência com a bruxa — disse Pam, após uma pausa significativa.

Fechei os olhos. Até Jason pareceu compreender o que Pam dizia porque os seus olhos se tornaram maiores. Tentei perceber o que pensaria de tudo aquilo.

— E, no minuto em que foi atacada, o Eric desapareceu? — perguntei.

Pam acenou afirmativamente.

— Então estava armadilhada com um feitiço.

— Aparentemente — disse Chow. — Mesmo que nunca tenha ouvido falar de tal coisa e apesar de não poder ser responsabilizado. — O seu olhar intenso desafiava-me a contrariá-lo.

Voltei-me para Jason e revirei os olhos. Lidar com a asneira de Chow não era responsabilidade minha. Estava segura de que, se a história completa fosse contada à rainha do Louisiana, a superior hierárquica de Eric, poderia ter algumas coisas a dizer a Chow acerca do incidente.

Seguiu-se um pequeno silêncio que Jason aproveitou para colocar mais uma acha na fogueira.

— Já foram ao *Merlotte's*, não foram? — perguntou aos vampiros. — Onde a Sookie trabalha?

Eric encolheu os ombros. Não se lembrava. Pam disse:

— Eu sim, mas o Eric não. — Olhou-me para confirmar a informação e, após pensar no assunto, acenei afirmativamente.

— Então ninguém vai associar rapidamente o Eric à Sookie. — Jason referiu aquilo de forma casual, mas parecia muito agradado e quase arrogante.

— Não — confirmou Pam, lentamente. — Talvez não.

Havia seguramente alguma coisa que me devia preocupar, mas não conseguia perceber o que era.

— Então estás segura no que diz respeito a Bon Temps — prosse-

guiu Jason. — Duvido que alguém além da Sookie o tenha visto ontem à noite e raios me partam se consigo perceber porque foi parar precisamente àquela estrada.

O meu irmão tinha exposto argumentos excelentes. Estava realmente a funcionar na máxima força naquela noite.

— Mas há muita gente daqui que vai a Shreveport para ir ao vosso bar, ao *Fangtasia*. Também eu já fui — explicou Jason. Era novidade para mim e olhei-o intensamente estreitando os olhos. Encolheu os ombros e pareceu apenas um pouco embaraçado. — Que acontecerá quando alguém tentar reclamar a recompensa? Quando ligarem para o número no cartaz?

Chow decidiu contribuir mais para a conversa.

— É óbvio que o «amigo próximo» que atender virá logo falar com o informador. Se conseguir convencer este «amigo» de que viu Eric depois de a maldita bruxa o ter enfeitado, as bruxas começarão a procurar numa área específica. Acabarão por encontrá-lo. Tentarão contactar as bruxas locais para pedirem o seu auxílio.

— Não há bruxas em Bon Temps — disse Jason, parecendo espantado por Chow ter sugerido a possibilidade. Lá estava o meu irmão outra vez a presumir demasiado.

— Aposto que há — disse-lhe eu. — Porque não? Lembras-te do que te disse? — Apesar de ter pensado em lobisomens e metamorfos quando o advertira acerca de coisas que existiam no mundo e que não desejava ver.

O meu pobre irmão via-se soterrado por informação naquela noite.

— Porque não? — repetiu, debilmente. — Quem seriam?

— Algumas mulheres e homens — disse Pam, esfregando as mãos como se falasse de uma epidemia contagiosa. — São como qualquer outra pessoa com uma vida secreta. A maioria é bastante afável. Relativamente inofensiva. — Ainda que Pam não parecesse demasiado convencida quando o disse. — Mas os maus podem contaminar os bons.

— No entanto — disse Chow, olhando Pam, pensativo —, este sítio é tão insignificante que poderão existir muito poucas bruxas na região. E nem todas farão parte de círculos. Levar uma bruxa sem ligações a colaborar será muito difícil para a Hallow e para os seus seguidores.

— Porque não podem as bruxas de Shreveport fazer um feitiço para encontrar o Eric? — perguntei.

— Não conseguem encontrar nada que lhe pertença para usar em tal feitiço — respondeu Pam, parecendo saber do que falava. — Não conseguem entrar no seu esconderijo diurno para achar um cabelo ou roupas com o seu cheiro. E não há ninguém por perto com o sangue de Eric nas veias.

Ai. Eric lançou-me um olhar muito breve. Havia sim. Eu. E desejava com todo o meu ser que ninguém soubesse disso além de Eric.

— Além disso — continuou Chow, mudando o peso de uma perna para a outra —, na minha opinião, porque estamos mortos, tais coisas não serviriam para fazer um feitiço.

Os olhos de Pam fixaram-se nos de Chow. Voltavam a trocar ideias e não me agradava. Eric, a causa de toda aquela troca de mensagens olhava para um e para o outro. Até a mim me parecia completamente alheado.

Pam voltou-se para mim.

— O Eric deve permanecer aqui. Levá-lo para outro sítio iria expô-lo a mais perigos. Com ele fora do caminho e em segurança, podemos implementar medidas contra as bruxas.

— Ir aos colchões — murmurou-me Jason ao ouvido, ainda preso à terminologia de «O *Padrinho*».

Agora que Pam o dissera em voz alta, conseguia ver claramente que me devia ter preocupado quando Jason enfatizou como era impossível que alguém relacionasse Eric comigo. Ninguém acreditaria que um vampiro com o poder e a importância de Eric fosse abrigado por uma empregada de bar humana.

O meu hóspede amnésico pareceu intrigado. Debrucei-me sobre ele e cedi por um momento ao impulso de lhe acariciar o cabelo. Depois, cobri-lhe as orelhas com as mãos. Permitiu que o fizesse, cobrindo mesmo as minhas mãos com as suas. Queria fingir que o vampiro não ouviria o que pretendia dizer a seguir.

— Ouçam, Chow e Pam. É a pior ideia de todos os tempos. E digo-vos porquê. — Quase não conseguia dizer as palavras suficientemente depressa e de forma suficientemente enfática. — Como esperam que o proteja? Sabem como isto acabará! Serei espancada. Ou talvez morta.

Pam e Chow olharam-me com expressões de incompreensão. Quase poderiam ter dito: «E então?»

— Se a minha irmã fizer isto — disse Jason, ignorando-me por completo —, merece ser paga.

Pam e Chow acenaram com a cabeça em simultâneo.

— Com uma quantia pelo menos igual à que o informador receberia se ligasse para o número de telefone no cartaz — continuou Jason, com os olhos azuis brilhantes indo de uma face pálida para a outra. — Cinquenta mil.

— Jason! — Consegui recuperar finalmente a voz e cobri ainda com mais força as orelhas de Eric. Sentia-me embaraçada e humilhada sem conseguir perceber ao certo porquê. Por um lado, porque o meu irmão discutia os meus assuntos como se fossem seus.

— Dez — disse Chow.

— Quarenta e cinco — contrapôs Jason.

— Vinte.

— Trinta e cinco.

— Feito.

— Sookie, trago-te a minha caçadeira — disse-me Jason.

Como aconteceu isto? — perguntei ao lume, depois de todos saírem.

Todos menos o grande vampiro viquingue que esperavam que protegesse.

Sentava-me sobre o tapete à frente da lareira. Acabara de colocar mais madeira e as chamas eram verdadeiramente encantadoras. Precisava de pensar em alguma coisa agradável e confortável.

Vi um grande pé descalço pelo canto do olho. Eric baixou-se para se juntar a mim no tapete.

— Acho que aconteceu porque tens um irmão ganancioso e porque és o tipo de mulher capaz de parar o carro por mim, mesmo sentindo medo — disse Eric, acertando em cheio.

— Como te sentes acerca disto? — Nunca teria feito aquela pergunta ao Eric mentalmente são, mas continuava a parecer tão diferente, talvez não o destroço completamente aterrorizado que fora na noite anterior, mas continuando a ser muito diferente do Eric que conhecia. — É como se fosses um pacote que guardam num cacifo. E o cacifo sou eu.

— Agrada-me que me receiem suficientemente para zelarem por mim.

— Ah — disse, de forma bastante inteligente. Não era a resposta que esperara.

— Devo ser uma pessoa assustadora quando estou no meu estado normal. Ou inspiro lealdade pelas minhas boas acções e modos gentis?

Ri-me.

— Bem me parecia.

— Não és mau de todo — disse, tentando tranquilizá-lo, apesar de, pensando no assunto, Eric não parecer precisar de grande tranquilização. No entanto, passara a ser responsável por ele. — Não tens os pés frios?

— Não — respondeu. Fora incumbida de tratar de Eric, alguém que não precisava que tratassem dele. E recordei-me severamente de que me pagariam uma quantia assombrosa de dinheiro para o fazer. Ergui a velha colcha que cobria as costas do sofá e cobri-lhe as pernas e os pés com os quadrados de tecido verdes, azuis e amarelos. Voltei a deixar-me cair sobre o tapete a seu lado.

— Isto é verdadeiramente medonho — disse Eric.

— O Bill disse o mesmo. — Deitei-me de bruços e surpreendi-me a sorrir.

— Onde está esse Bill?

— No Peru.

— Disse-te que ia?

— Sim.

— Devo presumir que a tua relação com ele perdeu intensidade? Era uma forma bastante boa de colocar a questão.

— Temos andado desentendidos. Começa a parecer permanente — disse, com voz neutra.

Deitara-se também de bruços a meu lado, erguido sobre um cotovelo para podermos conversar. Estava um pouco mais perto do que seria confortável, mas não quis dar nas vistas ao afastar-me. Voltou-se um pouco para lançar a colcha sobre os dois.

— Fala-me dele — disse Eric, sem que o esperasse. Juntamente com Pam e Chow, tinha bebido um copo de *TrueBlood* antes da partida dos outros vampiros e tinha um aspecto mais rosado.

— Conheces o Bill — disse-lhe. — Trabalha para ti há bastante tempo. Compreendo que não te consigas lembrar, mas o Bill... bom... é frio e calmo e muito protector. Parece incapaz de compreender algumas coisas. — Nunca pensei que acabaria a discutir com Eric a minha relação com Bill.

— Ama-te?

Suspirei e senti lágrimas nos olhos, como acontecia com tanta frequência quando pensava em Bill. Era uma chorona.

— Pelo menos, disse que sim — murmurei tristemente. — Mas quando uma vampira de certa forma o contactou, foi-se embora. — Tanto quanto sabia, podia ter-lhe enviado um e-mail. — Esteve envolvido com ela antes e descobri que era a sua... não sei como lhe chamam. Foi ela que o transformou num vampiro. Que o fez passar para o outro lado, como me disse. Por isso, o Bill voltou para ela. Disse que tinha de o fazer. E, depois, descobriu — olhei Eric de soslaio com um arquear significativo das sobrancelhas e vi que parecia fascinado — que tentava apenas atraí-lo para o lado ainda mais negro.

— Desculpa?

— Tentava atraí-lo a outro grupo de vampiros no Mississípi, trazendo consigo a base de dados informática muito valiosa que compilou para os vampiros do Louisiana — expliquei, simplificando um pouco para poder ser breve.

— Que aconteceu?

Era tão divertido como conversar com Arlene. Talvez ainda mais porque nunca pudera contar-lhe a história completa.

— Bom... A Lorena, era esse o seu nome, torturou-o — disse, fazendo-o arregalar os olhos. — Acreditas? Que foi capaz de torturar alguém com quem fez amor? Alguém com quem viveu durante anos? — Eric abanou a cabeça, incrédulo. — Mandaste-me a Jackson para o encontrar e consegui achar pistas num clube nocturno apenas para *sobres*. — Novo aceno de Eric, motivando-me a prosseguir. Era evidente que não precisaria de explicar que, ao dizer *sobres*, me referia a criaturas sobrenaturais. — Chama-se *Josephine's*, mas os lobisomens chamam-lhe *Clube de Sangue*. Mandaste-me lá com um lobisomem muito simpático que te devia um grande favor e fiquei em casa dele. — Alcide Herveaux ainda visitava as minhas fantasias. — Mas acabei por me magoar com gravidade — terminei. Magoadada com gravidade como sempre.

— De que forma?

— Levei com uma estaca, acredites ou não.

Eric pareceu adequadamente impressionado.

— Ficaste com uma cicatriz?

— Sim, apesar de... — E aqui calei-me.

Vi-lhe todos os indícios de estar suspenso das minhas palavras.

— De quê?

— Encarregaram um dos vampiros de Jackson de se ocupar do ferimento, se bem que acabaria por sobreviver de qualquer forma... Depois, deste-me o teu sangue para sarar rapidamente e poder procurar o Bill quando nascesse o sol. — Recordar a forma como Eric me dera sangue fez-me corar e podia apenas esperar que Eric atribuísse o rubor ao calor da fogueira.

— E salvaste o Bill? — perguntou, avançando além do assunto delicado.

— Salvei — respondi, orgulhosa. — Salvei-lhe o couro. — Deitei-me de costas e olhei-o. Bolas. Era bom ter alguém com quem conversar. Ergui a camisola e coloquei-me parcialmente de lado para mostrar a Eric a cicatriz. Pareceu impressionado. Tocou a área brilhante com a ponta de um dedo e abanou a cabeça. Compus-me.

— Que aconteceu à pega vampira? — perguntou.

Olhei-o com suspeição, mas parecia não estar a gozar comigo.

— Bom... — disse — a modos que... entrou quando estava a libertar o Bill e atacou-me. E eu... matei-a.

Eric olhou-me fixamente. Não conseguia ler-lhe a expressão.

— Já tinhas matado alguém antes? — perguntou.

— Claro que não! — respondi, indignada. — Bom... feri um tipo que tentava matar-me, mas não morreu. Sou humana. Não preciso de matar ninguém para sobreviver.

— Mas os humanos matam outros humanos com frequência. E nem sequer precisam de os comer ou de lhes beber o sangue.

— Nem todos os humanos.

— É verdade — concordou. — Nós, os vampiros, somos todos assassinos.

— Mas, de certa forma, são como os leões.

Eric pareceu espantado.

— Leões? — repetiu, baixando a voz.

— Todos os leões matam. — Naquele momento, a ideia pareceu-me inspirada. — Portanto, os vampiros são predadores, como os leões e os velociraptos. Usam o que matam. Precisam de matar para comer.

— O senão nessa teoria confortante é que somos quase idênticos aos humanos. E já fomos humanos. E, além de vos usarmos como alimento, também podemos amar-vos. Dificilmente um leão quereria acariciar um antílope.

Subitamente, havia algo no ar que não estava presente no mo-

mento anterior. Senti-me um pouco como um antílope perseguido por um leão com gostos bizarros.

Sentira-me mais confortável quando cuidava de uma vítima aterrada.

— Eric — disse, com muita cautela —, sabes que és meu hóspede. E sabes que, se te disser para saíres, o que farei se não fores sério comigo, ficarás no meio de um campo algures, com um roupão que é demasiado curto para ti.

— Disse alguma coisa para te deixar desconfortável? — Mostrava-se (aparentemente) arrependido, com a sinceridade brilhando nos olhos azuis. — Perdoa-me. Tentava apenas avançar com a tua linha de raciocínio. Tens mais *TrueBlood*? Que roupas me trouxe o Jason? O teu irmão é um homem muito inteligente. — Não pareceu admirá-lo totalmente quando me disse isto. Não o culpei. A inteligência de Jason custar-lhe-ia trinta e cinco mil dólares. Ergui-me para ir buscar o saco do *Wal-Mart*, esperando que Eric gostasse da sua nova camisola da universidade *Louisiana Tech* e das calças de ganga baratas.

Deitei-me por volta da meia-noite, deixando Eric entretido com as minhas cassetes da primeira série de *Buffy, a Caçadora de Vampiros*. (Apesar de ter sido apreciada, tratara-se de uma prenda jocosa de Tara.) Eric achou a série hilariante, sobretudo a forma como as testas dos vampiros se encarquilhavam quando ficavam com apetite de sangue. Ocasionalmente, ouvia-o rir-se na sala. Mas o som não me incomodava. Achei tranquilizante ouvir mais alguém na casa.

Demorei um pouco mais do que o habitual a adormecer porque pensava nas coisas que tinham acontecido naquele dia. De certa forma, Eric estava num programa de protecção de testemunhas e eu proporcionava-lhe um esconderijo. Ninguém no mundo, à excepção de Jason, Pam e Chow, saberia onde estava o xerife da Área Cinco naquele momento.

E estava a enfiar-se na minha cama.

Não quis abrir os olhos para discutir com ele. Estava já naquele limiar entre estar acordada e sonhar. Quando fizera o mesmo na noite anterior, sentira tanto medo que me sentira muito maternal e confortável ao segurar-lhe a mão para o tranquilizar. Naquela noite, não me parecia tão... neutral tê-lo na minha cama.

— Com frio? — murmurei, quando se aproximou mais.

— Sim... — respondeu. Estava deitada de costas, tão confortável que não ponderava mover-me. Ele estava de lado, voltado para mim.

Cobriu-me a cintura com um braço. Mas não se moveu mais um centímetro e descontraí por completo. Após um momento de tensão, fiz o mesmo e, a seguir, morri para o mundo.

Quando dei por mim, era de manhã e o telefone tocava. Claro que estava já sozinha na cama e, pela porta aberta, via o quarto mais pequeno do outro lado do corredor. A porta do armário estava aberta, como tinha de a deixar quando o amanhecer chegou e se enfiou no buraco à prova de luz.

O sol brilhava com maior intensidade e estava mais quente naquele dia, a caminho dos dez graus positivos. Sentia-me muito mais alegre do que sentira quando acordara no dia anterior. Sabia o que estava a acontecer ou, pelo menos, sabia mais ou menos o que devia fazer durante os dias seguintes. Ou achava que sim. Quando atendi, descobri que estava muito enganada.

— Onde está o teu irmão? — gritou o patrão de Jason, Shirley Hennessey. Achava-se que tinha graça um homem chamar-se Shirley até ficar defronte dele. Nesse momento, qualquer pessoa decidiria que seria melhor guardar a diversão para si.

— Porque haveria de saber? — perguntei, de forma razoável. — Talvez tenha dormido em casa de alguma mulher. — Shirley, universalmente conhecido como Peixe-Gato nunca me ligara à procura de Jason. Aliás, surpreender-me-ia que alguma vez tivesse ligado para qualquer sítio. Um dos talentos de Jason era chegar ao trabalho a horas e fazer o que era esperado até ao fim do dia. Jason era bastante competente no seu trabalho, que nunca compreendi por inteiro. Parecia envolver estacionar a sua carrinha vistosa no departamento de estradas do condado, enfiar-se noutra carrinha com o logótipo do condado de Renard na porta e andar às voltas, dizendo a várias equipas de trabalhadores o que fazer. Parecia exigir também que saísse da carrinha para se posicionar ao lado de outros homens enquanto olhavam grandes buracos na estrada ou perto dela.

Peixe-Gato foi apanhado desprevenido pela minha franqueza.

— Sookie, não devias dizer essas coisas — afirmou, chocado por uma mulher solteira admitir que sabia que o irmão já não era virgem.

— Estás a dizer-me que o Jason não apareceu no trabalho? Ligaste-lhe para casa?

— Sim e sim — respondeu Peixe-Gato que, na maioria dos aspectos, não era nenhum tolo. — Até enviei o Esparguete a casa dele. — O Esparguete (os trabalhadores das equipas de estrada tinham alcunhas

obrigatórias) era Antonio Guglielmi, e o Mississípi fora o seu destino de viagem mais afastado do Louisiana. Estava bastante segura de que o mesmo se poderia dizer dos seus pais e, possivelmente, dos seus avós, apesar de circular um rumor de que, certa vez, teriam ido a Branson para ver uns espectáculos.

— A carrinha estava lá? — Começava a sentir um arrepio frio e desagradável.

— Sim — disse Peixe-Gato. — Estava estacionada à porta de casa, com as chaves no interior. A porta estava aberta.

— A porta da carrinha ou da casa?

— O quê?

— Que porta estava aberta?

— Ah. A da carrinha.

— Isso é mau, Peixe-Gato — disse-lhe. O arrepio de alarme alastrara ao corpo todo.

— Quando o viste pela última vez?

— Ontem à noite. Veio visitar-me e partiu por volta... ora... deviam ser nove e meia ou dez.

— Estava alguém com ele?

— Não. — Não viera ninguém com ele e, basicamente, era verdade.

— Achas que devo ligar ao xerife? — perguntou Peixe-Gato.

Passei uma mão pela cara. Ainda não estava preparada para aquilo, por mais estranha que a situação parecesse.

— Vamos dar-lhe mais uma hora — sugeri. — Se não se arrastar até ao trabalho dentro de uma hora, avisa-me. Se vier, manda-o ligar-me. Acho que devo ser eu a avisar o xerife se for necessário.

Desliguei depois de Peixe-Gato ter repetido o que dissera várias vezes, apenas porque odiava ter de voltar a preocupar-se quando desligasse. Não, não consigo ler mentes pelo telefone, mas consegui percebê-lo na sua voz. Conhecia Peixe-Gato Hennessey há muitos anos. Era amigo do meu pai.

Levei o telefone sem fio para a casa de banho e tomei um banho para acordar. Não lavei o cabelo, prevenindo a possibilidade de ter de sair de imediato. Vesti-me, fiz café e entranchei o cabelo numa trança longa. Enquanto desempenhava estas tarefas, pensava, algo que me é difícil fazer quando estou sentada e quieta.

Concebi os seguintes cenários.

Um. (Era este o meu preferido.) Algures entre a minha casa e a sua, o meu irmão conheceu uma mulher e apaixonou-se de forma

tão instantânea e completa que abandonou o costume de anos e se esqueceu por completo do trabalho. Naquele momento, estariam numa cama algures, ocupados com sexo fantástico.

Dois. As bruxas, ou lá o que sejam, descobriram de alguma forma que Jason sabia onde Eric estava e raptaram-no para lhe extrair a informação. (Tentei lembrar-me de aprender mais sobre bruxas.) Durante quanto tempo conseguiria Jason manter em segredo a localização de Eric? O meu irmão tem um temperamento problemático, mas é um homem corajoso. Ou talvez teimoso seja uma descrição mais adequada. Não falaria facilmente. Talvez uma bruxa pudesse enfeitiçá-lo para que falasse? Se as bruxas o tinham levado, poderia estar já morto, porque o tinham há horas. E, se tivesse falado, eu corria perigo e Eric estava perdido. Podiam chegar a qualquer minuto, não estando limitadas à noite. Eric passava o dia morto e indefeso. Era decididamente a hipótese mais pessimista.

Três. Jason regressou a Shreveport com Pam e Chow. Talvez tivessem decidido pagar-lhe um adiantamento ou talvez Jason quisesse ir ao *Fangtasia* por ser um local de diversão nocturna popular. Depois de lá chegar, poderá ter sido seduzido por uma vampira e passado a noite toda com ela, já que Jason era, tal como Eric, um homem que agradava muito às mulheres. Se lhe tivesse bebido um pouco de sangue a mais, Jason poderia estar a dormir para recuperar. Penso que o número três era apenas uma variação do número um.

Se Pam e Chow soubessem onde estava Jason e não tivessem ligado antes de morrerem com o amanhecer, ficaria fula. O meu instinto levava-me a querer procurar uma machada para fazer umas estacas.

Depois, lembrei o que tentava esquecer com tanta força: o que sentira quando cravei a estaca no corpo de Lorena, a expressão na sua cara quando percebeu que a sua longa, longa vida chegara ao fim. Afastei esse pensamento com a força que consegui reunir. Era impossível matar alguém (mesmo um vampiro mau) sem que isso acabasse por me afectar mais cedo ou mais tarde. A não ser que fosse uma sociopata completa. E não o era.

Lorena ter-me-ia matado sem pestanejar. Aliás, ter-lhe-ia agradado muito. Mas era uma vampira e Bill nunca se cansava de me dizer que os vampiros eram diferentes. Que, apesar de manterem a sua aparência humana (mais ou menos), as suas funções internas e as suas personalidades sofriam uma mudança radical. Acreditei nele e levei os seus avisos a peito, quase por completo. Pareciam tão

humanos. Era fácil atribuir-lhes reacções e sentimentos humanos normais.

O mais frustrante era que Chow e Pam não acordariam até escurecer e não sabia quem (ou o que) acordaria se ligasse para o *Fangtasia* durante o dia. Duvidava que os dois vampiros vivessem no bar. Parecera-me que Pam e Chow partilhavam uma casa... ou um mausoléu... algures em Shreveport.

Estava bastante segura de que vinham empregados humanos ao bar durante o dia para limpar, mas, obviamente, um humano não me diria nada sobre assuntos dos vampiros (nem podia fazê-lo). Os humanos que trabalhavam para os vampiros aprendiam bastante depressa a manter a boca fechada, como pude comprovar.

Por outro lado, se fosse ao bar, poderia falar com alguém cara a cara. Poderia ler uma mente humana. Não conseguia ler a mente dos vampiros, o que provocara a minha atracção inicial por Bill. Imaginem o alívio do silêncio após uma vida a ouvir música de elevador. (O que me impedia de captar os pensamentos dos vampiros?) Eis a minha grande teoria. Sou tão científica como uma bolacha de água e sal, mas li sobre neurónios e sobre a forma como se activam no nosso cérebro quando pensamos, certo? Porque é a magia que confere vida aos vampiros e não a força vital normal, os seus cérebros não se activam e não há nada para captar, além dos vislumbres ocasionais, aproximadamente uma vez em cada três meses. Fiz questão de esconder isto porque seria uma forma segura de conseguir uma morte rápida.

Estranhamente, o único vampiro que ouvi «duas vezes» foi... isso mesmo... Eric.

Apreciara tanto a companhia recente de Eric pelo mesmo motivo que me levava a apreciar a de Bill, muito além do relacionamento romântico que tive com ele. Nem Arlene conseguia resistir à tendência de deixar de me ouvir quando falava, se lhe ocorresse alguma coisa mais interessante, como as notas dos filhos ou coisas adoráveis que tivessem dito. Mas, com Eric, poderia estar a pensar que o seu carro precisava de limpa-pára-brisas novos enquanto lhe abria o coração e eu nunca saberia.

A hora que pedira a Peixe-Gato estava quase esgotada e todos os meus pensamentos construtivos se tinham afundado nas mesmas divagações pantanosas que revolvera já várias vezes. Blá blá blá. É o que acontece quando alguém passa demasiado tempo a falar consigo mesmo.

Muito bem. Chegara a altura de agir.

O telefone tocou no momento em que a hora chegou ao fim e Peixe-Gato admitiu que não tinha notícias. Ninguém sabia de Jason nem o vira. Mas, por outro lado, Esparguete não vira nada de suspeito em casa de Jason além da porta aberta da carrinha.

Continuava a sentir-me relutante em ligar ao xerife, mas não via grande opção. Naquele ponto, pareceria bizarro resistir a ligar-lhe.

Esprei muito alarmismo e perturbação, mas o que obtive foi ainda pior: indiferença benevolente. O xerife Bud Dearborn foi mesmo ao ponto de se rir.

— Estás a ligar-me porque o galã do teu irmão faltou ao trabalho? Sookie Stackhouse, surpreendes-me. — Bud Dearborn tinha uma voz pausada e a cara espalmada de um cão pequinês. Era demasiado fácil imaginá-lo a farejar o telefone.

— Nunca falta ao trabalho e tem a carrinha em casa. A porta estava aberta — expliquei.

Compreendeu a seriedade do assunto porque Bud Dearborn é um homem que sabe apreciar uma boa carrinha.

— Realmente, isso parece um pouco estranho. Mas, mesmo assim, o Jason já passou há muito dos vinte e um e tem reputação de... — («Cair em cima de qualquer mulher que não fuja a tempo», pensei.) — ... ser muito popular com as senhoras — concluiu Bud, de forma cuidadosa. — Aposto que estará em casa de uma nova conhecida e lamentará muito ter-te deixado preocupada. Ligas-me outra vez se não tiveres notícias dele até amanhã à tarde, ouviste?

— Está bem — respondi, com a minha voz mais fria.

— Sookie, não te irrites comigo. Estou a dizer-te o que qualquer polícia diria — acrescentou.

Pensei: «Qualquer polícia com o rabo pesado demais.» Mas não o disse em voz alta. Tinha de contar com Bud e tinha de permanecer nas suas boas graças, tanto quanto possível.

Murmurei qualquer coisa vagamente educada e desliguei o telefone. Depois de informar Peixe-Gato, decidi que a única coisa a fazer seria ir a Shreveport. Peguei no telefone para ligar a Arlene, mas lembrei-me de que teria os miúdos em casa porque as férias escolares ainda não tinham acabado. Pensei em ligar a Sam, mas ocorreu-me que queria fazer alguma coisa e não consegui perceber o que poderia ser. Queria apenas partilhar a minha preocupação com alguém. Sabia que não estava certo. Só eu me podia ajudar. Decidindo ser corajosa e in-

dependente, quase liguei a Alcide Herveaux, um tipo bem-sucedido e esforçado residente em Shreveport. O pai de Alcide gere uma empresa de agrimensura que trabalha em três estados e Alcide viaja muito entre os vários escritórios. Referira-o na noite anterior a Eric. Eric enviou Alcide a Jackson comigo. Mas Alcide e eu tínhamos alguns assuntos entre homem e mulher que ainda não estavam resolvidos e seria desleal ligar-lhe apenas porque queria ajuda que não me podia dar. Pelo menos, era assim que me sentia.

Receava sair de casa e perder notícias de Jason, mas, já que o xerife não o procurava, duvidei que se soubesse alguma coisa tão cedo.

Antes de sair, arrumei o armário no quarto mais pequeno de forma a parecer natural. Seria um pouco mais difícil a saída de Eric quando anoitcesse, mas não demasiado. Deixar-lhe um bilhete seria contraproducente se alguém entrasse à força e era demasiado inteligente para atender o telefone se lhe ligasse depois do pôr-do-sol. Mas pensei que a amnésia o deixara tão abalado que podia assustar-se quando acordasse sozinho sem uma explicação da minha ausência.

Ocorreu-me uma ideia. Pegando num pequeno pedaço quadrado de papel do calendário de palavras do dia do ano anterior («embevecimento»), escrevi: «Jason, se apareceres, liga-me! Estou muito preocupada contigo. Ninguém sabe onde estás. Volto de tarde ou à noite. Vou a tua casa e aproveito para ver se foste a Shreveport. Depois volto. Beijós, Sookie.» Colei o bilhete ao frigorífico com fita-cola, o local onde uma irmã esperaria que o irmão o lesse se passasse por ali.

Pronto. Eric era bastante esperto e conseguiria ler nas entrelinhas. E, em simultâneo, cada palavra era realista. Se alguém entrasse na casa para fazer uma busca, acharia apenas que fora uma precaução sensata.

Mas, mesmo assim, receava deixar Eric adormecido e tão vulnerável. E se as bruxas viessem procurá-lo?

Mas porque o fariam?

Se conseguissem encontrar Eric, já ali estariam, não? Pelo menos, era esse o meu raciocínio. Pensei em ligar a alguém como Terry Bellefleur, que era bastante duro, para vir guardar-me a casa. Como pretexto, podia dizer que esperava uma chamada de Jason. Mas não estava certo arriscar a vida de mais alguém em defesa de Eric.

Liguei para os hospitais da região, não deixando de sentir que o xerife podia fazer aquilo por mim. Os hospitais sabiam o nome de todos os internados e nenhum deles era Jason. Liguei para a polícia de trânsito para perguntar por acidentes na noite anterior e fui informada

de que não tinha havido nenhum por perto. Liguei a algumas mulheres com quem Jason saíra e recebi muitas respostas negativas. Algumas delas contendo obscenidades.

Achei que tinha coberto todas as possibilidades. Estava preparada para ir a casa de Jason e lembro-me de me sentir bastante orgulhosa de mim mesma enquanto me dirigia para norte na Hummingbird Road e virei à direita para a auto-estrada. Seguindo para oeste, até à casa onde vivera os meus primeiros sete anos de vida, passei pelo *Merlotte's*, à direita, e pela estrada principal de acesso a Bon Temps. Contornei a curva à esquerda e vi a nossa velha casa, com a carrinha de Jason estacionada à frente. Havia outra carrinha, igualmente reluzente, estacionada a uns seis metros de distância.

Quando saí do carro, um homem preto retinto examinava o solo em redor da carrinha. Surpreendeu-me descobrir que a segunda carrinha pertencia a Alcee Beck, o único detective negro na força policial do nosso condado. A presença de Alcee era, ao mesmo tempo, tranquilizante e perturbadora.

— Menina Stakchouse — disse, com seriedade. Vestia casaco e calças e calçava botas pesadas com muito uso. As botas não combinavam com o resto do vestuário e podia apostar que as guardava na carrinha para quando precisasse de se deslocar a locais agrestes onde o solo não fosse exactamente seco. Alcee (cujo nome se pronuncia «AL-SEI») era também um emissor forte e conseguia captar-lhe os pensamentos com clareza quando baixava as guardas para ouvir.

Não tardei a aprender que não estava feliz por me ver, não gostava de mim e achava que algo de suspeito acontecera a Jason. O detective Beck não gostava de Jason, mas tinha medo de mim. Achava-me uma pessoa profundamente assustadora e evitava-me sempre que possível.

E, por mim, tudo bem.

Sabia mais sobre Alcee Beck do que me agradava e o que sabia era realmente desagradável. Era brutal com prisioneiros que se recusavam a colaborar, apesar de adorar a mulher e a filha. Metia dinheiro no bolso sempre que tinha uma oportunidade e certificava-se de que as oportunidades surgiam com bastante frequência. Alcee Beck limitava aquela prática à comunidade afro-americana, acreditando que nunca o denunciariam aos outros polícias brancos. Até ali, estivera certo.

Vêm porque não gosto de ouvir pensamentos? Era muito diferente de descobrir que Arlene não achava que o marido de Charlise

fosse suficientemente bom para ela ou que Hoyt Fortenberry amolgara um carro no parque de estacionamento e não dissera ao dono.

Antes que me perguntem o que faço com informações deste tipo, respondo-vos. Não faço nada. Descubri da forma mais dura que quase nunca resulta quando tento intervir. O que acontece é que ninguém fica feliz e a minha pequena anormalidade torna-se notória aos olhos de todos. Como resultado, ninguém fica à vontade comigo durante um mês. Guardo mais segredos do que o Forte Knox guarda dinheiro. E esses segredos estão trancados com cadeados igualmente eficazes.

Admito que a maioria destes pequenos factos que fui acumulando não tinha grande interesse no plano geral, enquanto as incorrecções de Alcee provocavam sofrimento humano. Mas, até ali, não encontrara uma forma de o travar. Era muito esperto e tinha o cuidado de manter as suas actividades controladas e escondidas de todos os que tivessem poder suficiente para intervir. E não tinha a certeza absoluta de que Bud Dearborn não soubesse.

— Detective Beck — respondi. — Está à procura do Jason?

— O xerife pediu-me para passar por aqui e ver se encontrava alguma coisa suspeita.

— E encontrou?

— Não, senhora. Não encontrei.

— O patrão do Jason disse-lhe que a porta da carrinha estava aberta?

— Fechei-a para a bateria não se gastar. Tive o cuidado de não tocar em nada, claro. Mas tenho a certeza de que o seu irmão há-de aparecer a qualquer momento e não lhe agradecerá que tenhamos remexido as suas coisas sem motivo.

— Tenho uma chave e queria pedir-lhe para entrar comigo.

— Suspeita que lhe possa ter acontecido alguma coisa dentro de casa? — Alcee Beck foi tão cuidadoso com as palavras que me fez pensar se teria um gravador ligado no bolso.

— É possível. Não costuma faltar ao trabalho. Aliás, nunca o fez. E sei sempre onde está. Informa-me sempre.

— Dir-lhe-ia se fugisse com uma mulher? A maioria dos irmãos não o faria, menina Stackhouse.

— O Jason sim. Ou diria ao Peixe-Gato.

Alcee Beck deu o seu melhor para camuflar o olhar céptico na face escura, mas não foi fácil.

A casa continuava fechada. Escolhi a chave certa entre as que ti-

nha no porta-chaves e entrámos. Não senti que regressava a casa quando entrei, como sucedia quando era pequena. Vivera muito mais tempo em casa da avó do que naquele sítio pouco espaçoso. Assim que Jason fez vinte anos, mudou-se para ali em permanência e, apesar de já lá ter ficado, era provável que, no total, tivesse passado menos de vinte e quatro horas naquela casa nos oito anos anteriores.

Olhando em redor, percebi que o meu irmão não tinha mudado muito a casa durante esse tempo. Era uma pequena casa rústica com quatro quartos, mas, obviamente, era muito mais recente que a casa da avó, a minha casa, e com muito maior eficiência no aquecimento e arrefecimento. A maior parte do trabalho fora feita pelo meu pai e ele era um bom construtor.

A pequena sala continha ainda a mobília que a minha mãe escolhera na loja de mobiliário barato e os estofos do sofá (de cor creme com flores verdes e azuis nunca vistas no mundo natural) mantinham as cores vivas originais, o que era uma pena. Levei alguns anos a perceber que a minha mãe, sendo uma mulher inteligente em muitos aspectos, fora inteiramente desprovida de bom gosto. Jason nunca percebeu o mesmo. Substituíu as cortinas quando começaram a ficar desbotadas e esfarrapadas e comprou um tapete para cobrir a maioria dos pontos mais gastos da velha alcatifa azul. Os electrodomésticos eram todos novos e esforçara-se para modernizar a casa de banho. Mas, se os meus pais pudessem voltar a entrar na sua casa, sentir-se-iam perfeitamente à vontade.

Foi um choque lembrar que tinham morrido há quase vinte anos.

Enquanto me mantinha junto à porta, rezando para não ver manchas de sangue, Alcee Beck passava em revista a casa, que parecia em perfeita ordem. Após um segundo de indecisão, decidi segui-lo. Não havia muito para ver. Como disse, é uma casa pequena. Três quartos (dois deles bastante apinhados), a sala, a cozinha, uma casa de banho, uma divisão comum de tamanho razoável e uma pequena sala de jantar. Era uma casa que poderia ser duplicada inúmeras vezes em qualquer cidade americana.

Estava bastante arrumada. Jason nunca vivera como um porco, ainda que, por vezes, se comportasse como um. Até a grande cama que quase preenchia a totalidade do quarto maior estava mais ou menos composta, apesar de conseguir ver os lençóis pretos e brilhantes. Deveriam parecer seda, mas tinha a certeza de que o tecido seria artificial. Demasiado escorregadio para mim. Gostava de percal.

— Não há indícios de luta — referiu o detective.

— Enquanto aqui estou, é melhor ir buscar uma coisa — disse-lhe, indo ao armário das armas que pertencera ao meu pai. Estava trancado e voltei a procurar uma chave. Sim, também tinha chave para aquilo e lembrei-me de uma história que Jason contara sobre o motivo para precisar de uma (podia estar a caçar e precisar de outra espingarda). Como se fosse deixar tudo o que fazia para lha ir buscar!

Bom... Poderia fazê-lo. Se não tivesse de trabalhar ou algo assim.

Todas as espingardas de Jason e do meu pai estavam naquele armário. O mesmo era válido para todas as munições.

— Está tudo aí? — O detective movia-se de forma impaciente junto à porta para a sala de jantar.

— Sim. Vou levar uma para casa comigo.

— Espera problemas? — Pela primeira vez, Beck olhou-me com interesse.

— Se Jason tiver desaparecido, quem sabe o que poderá significar? — respondi, esperando ser suficientemente ambígua. De qualquer forma, Beck não tinha a minha inteligência em grande consideração, apesar de me recear. Jason dissera que me traria a caçadeira e achei que me sentiria melhor se a tivesse. Retirei a *Benelli* e encontrei os cartuchos. Jason ensinara-me muito cuidadosamente a carregar e a disparar a caçadeira, que era o seu orgulho. Havia duas caixas diferentes de cartuchos.

— Qual delas? — perguntei ao detective.

— Uau! Uma *Benelli*. — Deu-se ao luxo de poder apreciar a caçadeira, impressionado. — Dois ponto sete milímetros, não? Eu levava os cartuchos para caça — aconselhou. — Os cartuchos para alvo não têm a mesma força.

Guardei no bolso a caixa que aconselhou.

Levei a caçadeira para o carro, seguida por Beck.

— Tem de guardar a caçadeira na bagageira e os cartuchos no habitáculo — informou-me. Fiz exactamente como disse, colocando os cartuchos no porta-luvas e voltando-me para ele. Ficaria feliz por me perder de vista e não pensei que procurasse Jason com qualquer entusiasmo.

— Viu lá atrás? — perguntei.

— Tinha acabado de chegar quando me viu.

Indiquei com a cabeça o lago atrás da casa e dirigimo-nos às tra-seiras. Uns dois anos antes, o meu irmão, ajudado por Hoyt Fortenber-

ry, instalara um grande alpendre atrás da casa. Cobrira-o com a boa mobília de exteriores que conseguira nos saldos do *Wal-Mart*. Pusera mesmo um cinzeiro sobre a mesa de ferro forjado para os amigos que saíam para fumar. Alguém o usara. Recordei que Hoyt fumava. Não havia mais nada de interesse no alpendre.

O chão descia do alpendre até ao lago. Enquanto Alcee Beck verificava a porta das traseiras, olhei o cais construído pelo meu pai e pensei ver uma mancha na madeira. Algo em mim estremeceu e devo ter produzido um ruído. Alcee veio posicionar-se a meu lado e disse-lhe:

— Olhe o cais.

Avançou, como um perdigueiro. Disse:

— Fique onde está — com um inconfundível tom oficial. Avançou com cautela, olhando o solo em redor dos pés antes de cada passo. Senti que passou uma hora até Alcee chegar finalmente ao cais. Agachou-se sobre as tábuas queimadas pelo sol para ver melhor. Concentrou-se num ponto à direita da mancha, avaliando algo que não conseguia ver, algo que nem sequer conseguia captar na sua mente. Depois, pensou no tipo de botas de trabalho que o meu irmão usaria. Isso foi claro.

— *Caterpillar* — gritei. O medo acumulava-se dentro de mim e fazia-me vibrar com a sua intensidade. Jason era tudo o que me restava.

E percebi que cometera um erro que não cometia há anos: respondera a uma pergunta antes de ser formulada. Cobri a boca com uma mão e vi Beck a lançar-me um olhar. Queria-me longe dele. E pensava que talvez Jason estivesse no lago, morto. Especulava que teria caído e batido com a cabeça no cais, deslizando para a água. Mas havia uma marca intrigante...

— Quando pode procurar no lago? — perguntei.

Voltou-se para me olhar, com uma expressão aterrorizada. Há anos que não tinha alguém a olhar-me assim. Assustara-o sem querer.

— O sangue está no cais — referi, tentando melhorar as coisas. Proporcionar uma explicação razoável fazia parte da minha natureza. — Receio que Jason tenha caído.

Beck pareceu acalmar-se um pouco depois daquilo. Voltou a olhar a água. O meu pai escolhera o local para a casa de forma a incluir o lago. Disse-me quando era pequena que o lago era muito fundo e alimentado por um pequeno ribeiro. A área em redor de dois terços do lago era tratada e convertida em relvado. Mas o ponto mais distante permanecia intensamente arborizado e Jason gostava de se sentar no cais ao fim do dia com binóculos, observando os animais que vinham beber.

Havia peixes no lago. Mantinha-o bem abastecido. Senti-me agoniada.

Por fim, o detective voltou a subir.

— Tenho de fazer alguns telefonemas para saber quem pode mergulhar — disse Alcee Beck. — Poderá levar algum tempo a encontrar quem possa fazê-lo. E o chefe tem de aprovar.

Claro que tal coisa custaria dinheiro e esse dinheiro poderia não existir no orçamento do condado.

— Está a falar de horas ou dias?

— Talvez um dia ou dois — respondeu, finalmente. — É impossível que alguém o faça sem formação. É demasiado frio. E foi o próprio Jason a dizer-me que era fundo.

— Está bem — disse, tentando suprimir a impaciência e a fúria. A ansiedade roía-me como outro tipo de fome.

— A Carla Rodriguez estava na cidade ontem à noite — disse-me Alcee Beck. Após um longo momento, a relevância do nome tornou-se clara.

Carla Rodriguez, baixa morena e eléctrica, fora o mais próximo que Jason estivera de partir o coração. Aliás, a pequena metamorfa com que Jason saíra na noite de Ano Novo assemelhava-se vagamente a Carla, que se mudara para Houston três anos antes, para meu profundo alívio. Cansara-me da pirotecnia que rodeara o seu romance com o meu irmão. Fora pontuado por discussões longas, sonoras e públicas, telefones desligados de repente e portas batidas.

— Porquê? Com quem está ela?

— Com a prima de Shreveport — respondeu Beck. — Aquela Dovie.

Dovie Rodriguez visitava Bon Temps com frequência enquanto Carla ali viveu. Era a rapariga sofisticada da cidade, vindo ao campo para corrigir os nossos modos rústicos. Claro que a invejávamos.

Achei que pressionar Dovie era precisamente o que me apetecia fazer.

Afinal, parecia que iria realmente a Shreveport.

O detective afastou-me depois disso, dizendo-me que chamaria o especialista em locais do crime à casa e que me contactaria. Captei-lhe a ideia de que havia alguma coisa que não queria que eu visse e que referira Carla Rodriguez para me distrair.

Achei que ele poderia tirar-me a caçadeira por lhe parecer mais seguro, dado que agora estava a lidar com um crime. E a caçadeira poderia ser uma prova. Mas Alcee Beck não disse nada. E não lho recordei.

Sentia-me mais abalada do que queria admitir. Por dentro, convencera-me de que, apesar de precisar de o encontrar, Jason estava bem. Apenas em paradeiro incerto. Ou em cama incerta. Seria mais provável, ha ha ha. Dissera a mim mesma que estaria envolvido em sarilhos não demasiado sérios. Agora, a seriedade parecia aumentar.

Nunca consegui conter suficientemente as despesas para poder pagar um telemóvel e dirigi-me para casa, pensando em quem deveria contactar. Obtive a mesma resposta que antes obtivera. Ninguém. Não havia notícias a transmitir. Senti-me tão sozinha como nunca me sentira. Mas não queria ser a histérica que aparece à porta dos amigos em momentos de crise com os problemas sobre os ombros.

Senti as lágrimas nos olhos. Quis a minha avó perto de mim. Encostei à berma da estrada e esbofetei-me na cara, com força. Chamei-me alguns nomes.